

ACADEMIA MILITAR



Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Cavalaria

**Os Comandos na Operação Siroco: Uma abordagem no âmbito das
Operações Psicológicas**

Autor: Aspirante de Cavalaria Miguel Rosa

Orientador: Tenente-Coronel de Infantaria “CMD” Duarte Varino

Lisboa, 04 de junho de 2021

ACADEMIA MILITAR



Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Cavalaria

**Os Comandos na Operação Siroco: Uma abordagem no âmbito das
Operações Psicológicas**

Autor: Aspirante de Cavalaria Miguel Rosa

Orientador: Tenente-Coronel de Infantaria “CMD” Duarte Varino

Lisboa, 04 de junho de 2021

EPÍGRAFE

“People sleep peacefully in their beds at night only because rough men stand ready
to do violence on their behalf”

George Orwell

DEDICATÓRIA

É com muito orgulho que concluo este percurso da minha vida e que o dedico a todos aqueles que sempre se mantiveram a meu lado, dando-me força e motivação para chegar até aqui. Dedico-o também a todos os militares portugueses que participaram nesta operação, homenageando, assim, aqueles que nela tombaram, lutando pelo nosso país.

AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos no âmbito do meu Trabalho de Investigação Aplicada no tema “*Os Comandos na Operação Siroco: Uma abordagem no âmbito das Operações Psicológicas*” indispensáveis neste trabalho os quais irei referir ao longo deste texto.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha família, em especial aos meus pais e à minha namorada por me terem apoiado durante esta longa caminhada sem me negarem qualquer tipo de ajuda.

Ao meu orientador, Tenente-Coronel de Infantaria “CMD” Duarte Varino por me ter guiado durante a execução deste trabalho, disponibilizando-se e providenciando toda a ajuda de que precisei.

Ao meu Curso de Cavalaria, pois sem a sua ajuda e apoio, nos melhores e nos piores momentos, esta jornada não seria possível.

Ao Tenente-Coronel de Cavalaria Hélio Patrício por todo o auxílio e disponibilidade como Diretor de Curso no 4º ano.

Ao Capitão de Cavalaria Diogo Rato por toda ajuda prestada durante o Tirocínio Para Oficial como Diretor de Curso.

A todos os militares “Comandos” que me influenciaram durante toda a vida a vir para o Exército e a servir a pátria.

À Academia Militar, a todos os seus Comandantes, Oficiais e professores que contribuíram para a minha formação e me ajudaram a ser uma pessoa melhor, a ser um militar.

RESUMO

Neste trabalho de investigação irei debruçar-me sobre o tema “*Os Comandos na Operação Siroco: Uma abordagem no âmbito das Operações Psicológicas*”.

O objetivo desta investigação é estudar a importância que a tropa especial “Comandos” teve nesta operação e de que forma a mesma afetou a situação operacional do Leste de Angola e dos países vizinhos, bem como estudar as alterações introduzidas na doutrina das Operações Psicológicas decorrentes desta operação.

Hoje em dia, já existe, ao alcance de qualquer pessoa, muita informação sobre Ação Psicológica e Operações Psicológicas. Porém, para essa informação existir, teve de haver alguma entidade que comesse a utilizar este tipo de operações, e também alguém que escrevesse sobre o assunto. Podendo-se considerar um tema mais histórico, houve alguma dificuldade, ao nível da bibliografia, de conseguir relacionar as Operações Psicológicas com as operações do Agrupamento Siroco, pelo que tiveram de ser realizadas diversas entrevistas para conseguir realizar este Trabalho de Investigação Aplicada.

A metodologia para este trabalho consiste na pesquisa bibliográfica sobre esta operação, sobre operações psicológicas em geral e entrevistas a quem pôde testemunhar na realidade como tudo se passou.

A primeira parte deste trabalho consiste numa exaustiva revisão da literatura, em que se aferiu o começo da tropa especial em questão, os rudimentos das Operações Psicológicas e a Ação Psicológica, bem como dos Agrupamentos Siroco.

A segunda parte focou-se em analisar a Metodologia utilizada, sendo esta constituída pelo Tipo de Estudo, a Amostra, os Instrumentos e os Procedimentos usados neste trabalho.

A terceira fase do estudo focou-se nas entrevistas realizadas, na sua apresentação e na sua análise e discussão.

Por fim, nas conclusões é dada uma resposta a todas as Perguntas Derivadas e à Pergunta de Partida, de modo a confirmar que todos os Objetivos Específicos, bem como o Objetivo Geral foram cumpridos.

Assim sendo, conclui-se que as Operações Siroco, não tiveram nenhuma influência a nível formal na Doutrina que temos acerca das Operações Psicológicas, pois na altura em que estas operações foram desencadeadas já tínhamos uma doutrina bastante firme e boa, que foi sendo desenvolvida e aprimorada desde 1961 até à data.

Palavras-chave: Siroco, Operações Psicológicas, Ação Psicológica, Comandos,
Angola

ABSTRACT

In this research paper I will investigate the topic “*Os Comandos na Operação Siroco: Uma abordagem no âmbito das Operações Psicológicas*”.

The objective of this research will be to study the importance that the special troop "Comandos" had in this operation and how it affected the operational situation in East Angola and neighboring countries, as well as to study the changes in the doctrine of Psychological Operations resulting from this operation.

Nowadays there is a lot of information about Psychological Operations and Psychological Action available to anyone, however, for this information to exist there had to be some entity that started to use this type of operations, and also someone who wrote about this subject. Since it is a more historical subject, there was some difficulty in terms of bibliography to relate Psychological Operations with the operations of the Siroco Group. Therefore, several interviews had to be conducted in order to accomplish this Applied Research Work.

The methodology for this work consists of bibliographic research on this operation, on psychological operations in general, and interviews with those who can testify in reality how everything happened.

The first part of this work consists of an exhaustive literature review, in which the beginning of the special troop in question was assessed, as well as the rudiments of Psychological Operations and Psychological Action, and of the Sirocco Groups.

The second part focused on analyzing the Methodology used, consisting of the Type of Study, the Sample, the Instruments, and the Procedures used in this work.

The third phase of the study focused on the interviews conducted, their presentation, and their analysis and discussion.

Finally, in the conclusions, an answer is given to all the Derived Questions and the Starting Question in order to confirm that all the Specific Objectives, as well as the General Objective, were met.

Therefore, we conclude that the Siroco Operations had no formal influence on the doctrine we have about Psychological Operations, because at the time these operations were performed we already had a very firm and good doctrine, which has been developed and improved since 1961 to date.

Keywords: Siroco, Psychological Operations, Psychological Action, Comandos,
Angola

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	iii
DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	viii
ÍNDICE GERAL	x
ÍNDICE DE FIGURAS	xiii
LISTA DE ACRÓNIMOS, ABREVIATURAS E SIGLAS	xiv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA	4
1.1. Os Comandos	4
1.2. Agrupamento Siroco	9
1.2.1. Agrupamento Siroco 1969	10
1.2.2. Agrupamento Siroco 1970	11
1.2.3. Agrupamento Siroco 1971	12
1.3. Operações Psicológicas (PSYOP)	13
1.3.1. Conceitos	13
1.3.2. As PSYOP e a Ação Psicológica	14
1.3.3. Ação Psicológica nas NT	15
1.3.4. Ação Psicológica sobre as populações	16
1.3.4.1. Ação Psicossocial	16
1.3.5. Ação Psicológica sobre o Inimigo	17
1.3.6. Processos de Ação Psicológica	18
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	21
2.1. Tipo de Estudo	21
2.2. Amostra	22
2.3. Instrumentos	23
2.4. Procedimentos	24
CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS ...	25
3.1. Introdução	25
3.2. Entrevistas	25

3.3. Apresentação das Entrevistas	26
3.3.1. Pergunta 1: A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?	26
3.3.2. Pergunta 2: Qual a diferença entre PSYOP e Ação Psicológica, na sua opinião? ...	28
3.3.3. Pergunta 3: Que situação levou a serem feitas as Operações Siroco?	29
3.3.4. Pergunta 4: Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?	30
3.3.5. Pergunta 5: Que meios de Ação Psicológica eram usados?	31
3.3.6. Pergunta 6: Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?	32
3.3.7. Pergunta 7: Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?	33
3.3.8. Pergunta 8: Porque foram escolhidos os Comandos para estas Operações?	34
3.3.9. Pergunta 9: Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?	35
3.3.10. Pergunta 10: Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?	36
3.3.11. Pergunta 11: Como ficou a situação militar depois das Siroco?	37
3.3.12. Pergunta 12: As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?	37
3.3.13. Pergunta 13: Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?	38
3.4. Discussão e Análise das Entrevistas	39
3.4.1. Pergunta 1: A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?	39
3.4.2. Pergunta 2: Qual a diferença entre PSYOP e Ação Psicológica, na sua opinião? ...	40
3.4.3. Pergunta 3: Que situação levou a serem feitas as Operações Siroco?	40
3.4.4. Pergunta 4: Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?	40
3.4.5. Pergunta 5: Que meios de Ação Psicológica eram usados?	41
3.4.6. Pergunta 6: Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?	42
3.4.7. Pergunta 7: Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?	42
3.4.8. Pergunta 8: Porque foram escolhidos os Comandos para estas Operações?	42
3.4.9. Pergunta 9: Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?	43
3.4.10. Pergunta 10: Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?	43

3.4.11. Pergunta 11: Como ficou a situação militar depois das Siroco?	43
3.4.12. Pergunta 12: As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?	43
3.4.13. Pergunta 13: Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?	44
CONCLUSÕES	45
BIBLIOGRAFIA	48
APÊNDICES	I
Apêndice A – Guião de Entrevista	II
Apêndice B – Entrevista Tenente-General “CMD” Júlio Oliveira.....	IV
Apêndice C – Entrevista Coronel Tirocinado de Infantaria “CMD” Raúl Folques	XII
Apêndice D – Entrevista Tenente-Coronel de Infantaria “CMD” Isaías Pires e Major da Força Aérea Carlos Acabado	XIX
Apêndice E – Entrevista Sargento-Mor de Infantaria “CMD” Carlos Vinagre	XXVII
Apêndice F – Entrevista Primeiro-Sargento de Infantaria “CMD” Adérito Carvalho ..	XXXI
ANEXOS	XXXV
Anexo A – “A Voz do Comando”	XXXVI
Anexo B – Cartazes e Panfletos	XXXVIII

ÍNDICE DE FIGURAS

Ilustração 1	5
Ilustração 2	7
Ilustração 3	8
Ilustração 4	10
Ilustração 5	12
Ilustração 6	16
Ilustração 7	19
Ilustração 8	22
Ilustração 9	XXX
Ilustração 10	XXX
Ilustração 11	XXXI
Ilustração 12	XXXII
Ilustração 13	XXXII
Ilustração 14	XXXIII
Ilustração 15	XXXIII

LISTA DE ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS E SIGLAS

BCaç 280 – Batalhão de Caçadores 280
CCFAA – Comando Chefe das Forças Armadas de Angola
CCMDS – Companhia de Comandos
CCS – Companhia de Comando e Serviços
CEME – Chefe de Estado-maior do Exército
CI – Centro de Instrução
CIC – Centro de Instrução de Comandos
DGS – Direção Geral de Segurança
EEMA – Escola de Educação Militar de Angola
EME – Estado-maior do Exército
FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola
GAM – Ginástica de Aplicação Militar
IAEM – Instituto de Altos Estudos Militares
MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola
NATO – *North Atlantic Treaty Organization*
NSO – NATO Standardization Office
NT – Nossas Tropas
OE – Objetivo Específico
OG – Objetivo Geral
OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
PC – Posto de Comando
PD – Pergunta derivada
PP – Pergunta de Partida
PSYOP – Operações Psicológicas
Rep – Repartição
RM – Região Militar
RMA – Região Militar de Angola
TIA – Trabalho de Investigação Aplicada
UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola
UPA – União das Populações de Angola
ZML – Zona Militar Leste

ZRn – Zona de Reunião

INTRODUÇÃO

O tema que escolhi tratar neste Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) é “*Os Comandos na Operação Siroco: Uma abordagem no âmbito das Operações Psicológicas*”.

A minha motivação na realização deste TIA, é o facto de ter um enorme respeito pelos “Comandos”, pois cresci rodeado por muitos, e também por estar a abordar uma Operação que aconteceu nos primórdios da criação desta tropa especial. Assim sendo, é um tema que me cativa muito, e quero poder ter a possibilidade de falar e discutir ideias com quem nela participou, aprofundando o assunto de maneira a ficar a perceber como tudo se desencadeou. Acho este tema relevante tendo em conta o mestrado que estou a tirar, uma vez que esta operação teve uma grande influência no que conhecemos hoje do Exército Português, tendo em conta as alterações que a doutrina das Operações Psicológicas (PSYOP) sofreu ao longo dos anos e também a influência que este conjunto de Operações Siroco tiveram para essas mesmas alterações.

O Objetivo Geral (OG) deve ser escolhido na fase inicial da investigação, para dar uma orientação sobre o tipo de estudo que se vai fazer (Santos et al, 2016), segundo Fortin (1996, p. 100) “O objetivo de um estudo indica o porquê da investigação. É um enunciado declarativo que precisa a orientação da investigação segundo o nível dos conhecimentos estabelecidos no domínio em questão.”, consolidando com “O objetivo de um estudo é um enunciado que precisa as variáveis-chave, a população alvo e a orientação da investigação” (Fortin, 1996, p. 100). Escolhi como OG para este TIA, estudar as alterações existentes na doutrina das Operações Psicológicas resultantes das Operações Siroco, pois considero pertinente no âmbito deste tema que se estude as consequências e as suas alterações. Os Objetivos Específicos (OE) são instrumentos para o conhecimento e avaliação do sucesso da investigação, prendendo a atenção do investigador, devendo a sua formulação corresponder à decomposição ou desconstrução do objetivo geral em aspetos mais restritos e elementares (Santos et al, 2016). Assim sendo, escolhi como OE:

OE1: Estudar as causas da Operação Siroco.

OE2: Estudar a importância dos Comandos nesta Operação.

OE3: Estudar as consequências da Operação Siroco, e de que maneira afetou as partes nela envolvidas.

OE4: Estudar o emprego das Operações Psicológicas na Operação Siroco e quais as suas consequências em termos de doutrina.

De maneira a organizar esta pesquisa, defini uma Pergunta de Partida (PP), também conhecida como questão de investigação.

“Num trabalho de investigação em ciências sociais, o problema de investigação é ditado por uma pergunta de partida (também designada como questão de investigação) que está forçosamente alinhada com o título e com a temática onde esse estudo se insere. É sabido que, ao nível das suas características, uma pergunta de partida deve ser clara, unívoca, concisa, direta, precisa, restrita, relevante, inovadora, exequível e, finalmente, compreensiva ou explicativa.” (Rosado, 2017, p. 122).

Assim sendo, escolhi como PP para esta minha tese “Que repercussões teve a Operação Siroco na Doutrina das Operações Psicológicas?”.

“À pergunta de partida são acometidas as perguntas derivadas, sendo que, ao passo que a pergunta de partida se constitui como um farol que orienta todo o estudo do investigador e que está obviamente perfilado com os seus objetivos gerais da investigação, as perguntas derivadas são, por seu turno, questões de cariz mais limitado, dispostas em setores de análise que estão circunscritos no domínio da área da pergunta de partida e que entendem, conseqüentemente, aos objetivos específicos da investigação.” (Rosado, 2017, p. 122).

As questões de investigação “São enunciados interrogativos precisos, escritos no presente, e que incluem habitualmente uma ou duas variáveis assim como a população estudada. As questões de investigação precisam as variáveis descritas e as relações que possam existir entre elas.” (Fortin, 1996, p. 101). O mesmo autor (Fortin, 1996) refere que estas questões são formadas a partir do objetivo do trabalho em questão e vão especificar os aspetos que iremos estudar, e ainda que a forma como colocamos as questões irão determinar os métodos que iremos utilizar na investigação para obtermos as respostas que necessitamos.

Tendo em conta estas citações, optei por escolher as Perguntas Derivadas (PD), de acordo com os OE que tinha delineado para este TIA:

PD1: Quais são as causas das Operações Siroco?

PD2: De que maneira atuaram os Comandos nestas operações?

PD3: Quais as suas consequências para as partes nela envolvidas?

PD4: Quais as alterações na doutrina das Operações Psicológicas decorrentes destas operações?

Escolhidos os objetivos para o TIA, bem como as PP e as PD, vai-se proceder à investigação deste tema, através de uma exaustiva pesquisa bibliográfica e da realização de algumas entrevistas, não só para verificar a informação pesquisada, como também para obter respostas de quem viveu estes acontecimentos em primeira mão, complementando a pesquisa bibliográfica.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Os Comandos

Como qualquer tropa especial, os Comandos foram criados por haver necessidade por parte de Portugal de ter uma tropa eficiente, que conseguisse desempenhar qualquer tipo de missão com sucesso. Segundo Cann (2019), muita gente sempre esteve contra a criação deste tipo de tropas, influenciando assim também grande parte dos oficiais de Estado-Maior. “A história dos Comandos, dos Páras e dos Fuzileiros nas Forças Armadas Portuguesas ilustra bem essa visão ambivalente.” (Cann, 2019, p. 24). Apesar disso, nasceram “Os Comandos”.

“Os «Comandos» nasceram em Angola, em 1962, quando na actividade operacional se continuava a sentir a necessidade de dispor de uma tropa que, em linhas gerais, pudesse suportar por períodos prolongados o isolamento no mato, tivesse uma confiança absoluta nas qualidades dos seus companheiros e superiores directos, garantindo-lhes a protecção em todos os sentidos, fossem invulneráveis à surpresa e exímios na utilização das suas armas.” (Estado-Maior do Exército [EME], 2009, p. 7)

Nesta altura, a necessidade de Portugal de ter uma tropa como os Comandos começava-se a sentir em todo o lado, assim que surgiram ações terroristas em Angola, em fevereiro de 1961, principalmente por aqueles que, civis ou militares, estavam no terreno nesta altura e puderam sentir os efeitos das ações das tropas inimigas, sem ter ninguém que os conseguisse defender com eficácia (Oliveira, 2017). Como comprovativo desta necessidade, cita-se abaixo uma nota anexa a uma carta de um administrador, enviada ao General Chefe de Estado-Maior do Exército (CEME) Câmara Pina em 10 de abril de 1961 (Oliveira, 2017):

“c) Numa guerra de selva, deste tipo, parece que haveria três etapas a pôr em imediata execução:

1ª ...

2ª Surtos por tropas especializadas, sempre que possível, sem veículos, sem combustíveis nem transportes, em grupos pequenos, que actuando como Comandos

seriam utilizados tão rigorosamente, quanto possível, nos pontos mais imprevistos de modo a pôr o inimigo no desequilíbrio e passar a iniciativa para nós.

... e mais à frente numa nota:

«Os Comandos referidos na 2ª deveriam aprender a suplementar a sua alimentação de rações especiais com frutos, tais como: Bananas (que se encontram com abundância) e com caça miúda (apanhada com armadilhas). Por outras palavras: TAL COMO FAZ O INIMIGO.» (Oliveira, 2017, p. 41)

Esta tropa foi criada com uma ajuda enorme e fulcral do jornalista Dante Vacchi, que “Era um verdadeiro técnico na parte psicológica das tropas. Um homem que conseguia inculcar à rapaziada uma vontade e um espírito absolutamente necessários, nisto era um *expert*.” (EME, 2008, p.31) e, tendo servido como sargento na Legião Estrangeira, serviu como alavanca para a formação dos soldados que inicialmente faziam parte do Batalhão de Caçadores 280 (BCaç 280), dando muita importância ao fortalecimento do fator mental, que se iria provar necessário em combate, inculcando mais confiança nos soldados (Cann, 2019). Segundo Cann (2019), Vacchi dava também muita importância ao espírito de corpo entre as tropas, e à atenção aos pormenores, especialmente o armamento próprio, também dos barulhos e brilhos que podemos mostrar ao inimigo (o que é hoje conhecido no seio militar como a técnica de brilhos e ruídos) e principalmente a pontaria durante o tiro. “O curso, que tem como pontos mais altos a Prova de Choque, centrada na sede, e a Semana Maluca, em que quase não se dorme e se almoça às quatro da manhã, parte dos ensinamentos da Legião Estrangeira” (Teixeira, 2012, p. 79).



Ilustração 1: Dante Vacchi em conversa com o General Venâncio Deslandes, no seu gabinete em Luanda

Fonte: Cann, 2019, p. 28

“O seu método de treino baseava-se em ensinar os homens a misturarem-se com o ambiente físico, a atacarem em vez de se defenderem, e a observarem sem serem vistos. Privilegiou o treino físico, a pontaria, a aproximação ao alvo, a montagem de uma emboscada, a travessia de cursos de água, e as manobras a pé no terreno com sinais de mão e em completo silêncio.” (Cann, 2019, p.30).

O curso de Comandos foi administrado com uma elevadíssima exigência, uma ordem e rigor desmesurável por parte das equipas de instrução, era completamente imprevisível para os instruendos, seguindo a lógica “Instrução dura, combate fácil”, durante três meses que eram passados em sofrimento, no limiar do estouro físico e mental (Teixeira, 2012).

“O Curso de Comandos – só «para aqueles que os têm no sítio» - é uma selvajaria bem pensada, bem articulada, que nunca relaxa os níveis de exigência. É de tal modo duro que a maioria dos que o fizessem preferiria repetir a comissão de dois anos a ter de repetir os seus três meses e tal.” (Teixeira, 2012, p. 79).

Um dos princípios mais básicos do curso de Comandos era o facto de que a teoria deve vir depois da prática, tendo primeiro a repetição exaustiva de determinados exercícios, e só depois o respetivo enquadramento teórico, baseando a formação ministrada na criatividade e na mobilidade, em técnicas de combate bem definidas mas capazes de suportar a inovação contínua (Teixeira, 2012).

Neste curso eram também ministradas aulas práticas de Sobrevivência, Minas e Armadilhas, Tiro, Armamento, Orientação e Navegação Terrestre, GAM (Ginástica de Aplicação Militar) e Ordem Unida (Duarte, 2021). Na Sobrevivência ensinavam diversas maneiras de sobreviver, comendo insetos, frutos selvagens que existiam na selva africana, tirar seiva das árvores, fazer garrotes improvisados, entre outros; em Minas e Armadilhas eram ensinados a trocar os detonadores das granadas, a armadilhar trilhos e objetos deixados pelo caminho, ou debaixo de algum corpo abatido (uma das coisas ensinadas era precisamente evitar agarrar, mover ou tocar em objetos que chamassem a atenção, pois, tal como lhes era ensinado, o inimigo podia também usar essa técnica), e aprendiam também a desativar minas antipessoal e anticarro e como as mesmas podiam ser ativadas através da compressão e da descompressão; no Tiro aprendiam a disparar de todas as formas possíveis e imagináveis, deitados, de pé, agachados, de chofre e de posição de combate, normalmente após algum tipo de atividade exaustiva, como por exemplo uma GAM, em que estivessem física e psicologicamente abatidos, uma vez que em operações reais, a

condição física podia não ser a melhor e apesar disso tinham de saber controlar essa fadiga; no Armamento tinham contacto com todo o tipo de armas utilizadas, quer pelo inimigo quer pelas Nossas Tropas (NT), em que a arma mais estudada e utilizada era a G3, que os acompanhava ao longo do curso, tendo até de a conseguir montar e desmontar de olhos vendados; em Orientação e Navegação Terrestre aprendiam sobretudo a ler cartas topográficas que lhes eram facultadas pelo Exército e a orientarem-se através da bússola e das estrelas; em GAM treinavam luta corpo a corpo, aprendiam a manejar a faca de mato, aprendiam a lutar só com as mãos, a rastejar e a dar cambalhotas, a rebolar, a fazer quedas na máscara (de salientar que todos estes exercícios eram executados com a arma), a aproximação em posição de combate, levando a arma a meio da coxa e apontando sempre para onde estavam a olhar, a aproximação silenciosa e o passo fantasma ou pé de galinha, que consiste em levantar e pousar o pé sem fazer barulho e sem se ouvirem os ramos a partir; e finalmente, a Ordem Unida, onde os instruendos aprendiam e aperfeiçoavam os movimentos outrora aprendidos na recruta, mas agora com um estilo pelicular, de forma mais energética e lenta, subindo o joelho até a coxa ficar paralela ao chão (no caso do passo em frente e na marcha) (Duarte, 2021).

Segundo Cann (2019), Dante Vacchi e os restantes instrutores ficaram conhecidos como o “Grupo Noqui”, sendo este o grupo que dava a instrução dura e especial para transformarem homens em máquinas de guerra (dando-lhes poucas regalias ou nenhuma, não tinham um vencimento maior, mas eram dispensados de serviços e limpezas). Estes grupos viriam a ficar conhecidos como “Grupos de Comandos” e demonstraram uma grande eficácia no combate contra o inimigo logo nas suas primeiras operações em fevereiro de 1962 (Cann, 2019). Porém, Portugal necessitava de mais homens destes.



Ilustração 2: Reunião de graduados com Dante Vacchi em Luanda, para preparação da instrução
Fonte: EME, 2008, p. 35

A criação de unidades com este tipo de treino, com militares mais preparados moral, física e psicologicamente para a guerra, visava formar equipas especiais e tirar o rendimento das qualidades das mesmas; também melhorava o nível geral toda a instrução da Unidade, pois assim que vissem que este método funcionava efetivamente e começassem a contabilizar vitórias nas batalhas que estavam a ser travadas, as outras Unidades iriam tentar seguir o exemplo de treino dos Comandos (EME, 2008).

Após a criação destas unidades, foram criados Centros de Instrução (CI) para ministrar a formação necessária aos militares, tendo-se assim criado os CI 21 (Zemba, 1962), CI 16 (Quibala Norte, 1963), e CI 25 (Quibala Norte, 1964); de salientar que a justificação da numeração destes CI foi dada aleatoriamente por uma questão de segurança (Oliveira, 2017).



Ilustração 3: Instrução debaixo de fogo durante o 23º curso de Comandos no Centro de Instrução de Comandos (CIC), em Angola

Fonte: Cann, 2019, p. 41

Assim foi o início do treino desta tropa especial, formação curta e intensa, pois o tempo escasseava e era necessário para combater.

1.2. Agrupamento Siroco

Segundo Nunes (2013), o CIC adquiriu uma imensa experiência operacional e diversos ensinamentos importantíssimos no combate no Leste de Angola, conhecido como Frente Leste do MPLA, após terem estado em operações na Zona Militar Leste unidades de Comandos de 1966 a 1969.

“Quando em 1969 foi superiormente decidido intervir uma vez mais no Leste, durante alguns meses, com um Agrupamento de três Companhias de Comandos (CCMDS), que foi designado de Agrupamento Siroco, o comandante do CIC, ten. cor. cmd Gilberto Santos e Castro, viu a oportunidade de poder concretizar uma aspiração, que vinha amadurecendo.” (Nunes, 2013, p. 160)

Esta oportunidade, aproveitada por Santos e Castro, baseia-se na “Caça”, como sendo o tipo de ação mais apropriado, e terem uma formação que incutisse espírito de corpo e de sacrifício para ter a tropa unida e coesa, de maneira a que todos tivessem a mais plena confiança uns nos outros (Nunes, 2013).

Deste modo surgiu o “Agrupamento Siroco”, “um dos primeiros exemplos da coordenação aeroterrestre” (Cann, 2019, p. 77). Este trabalho conjunto entre as tropas apeadas e os helicópteros veio-se a demonstrar-se bastante útil durante as operações que desempenhavam e foi um dos grandes ensinamentos das Operações Siroco para os Comandos e para Portugal.

1.2.1. Agrupamento Siroco 1969

“A Caça, como concebida pelo CIC, exigia um trabalho contínuo e muito coordenado das CCMDS com meios aéreos postos em permanência à sua disposição e com uma brigada da Direção Geral de Segurança (DGS)” (Nunes, 2013, p. 160).

A partir da formação do Agrupamento Siroco, cada operação realizada, obrigava ao empenhamento de três companhias de Comandos, sendo uma delas helitransportada, articulada em grupos de Comandos, e cada um destes estava, por sua vez, articulado em duas ou três equipas de caça, todas com comunicações permanentes entre si e com o Posto de Comando (PC), aumentando assim a amplitude da superfície a bater e as potencialidades de deteção de vestígios do inimigo (Nunes, 2013).

Este Agrupamento Siroco, para além dos combates com o MPLA, tinha também o propósito de libertar as populações que haviam sido detidas pelo inimigo, exercendo a ação psicológica adequada para o caso (EME, 2006). Este tipo de operações exigiam uma dedicação enorme por parte de todos os militares, em especial dos pilotos, dos meios aéreos e das brigadas da DGS, sendo imperial existir uma perfeita coordenação entre todos para tudo funcionar como planeado; assim sendo, este agrupamento levou a cabo três operações sucessivas, “Eleita”, “Vigor” e “Trovão” (EME, 2006).



Ilustração 4: Comandos tentam estabelecer contacto por rádio

Fonte: Cann, 2019, p. 78

1.2.2 Agrupamento Siroco 1970

Um novo grupo de “caça” foi constituído em meados de junho de 1970, após a “Siroco 1969”, começando a operar em julho, cuja responsabilidade atribuía um território grande, de modo a perseguir o inimigo ao longo do rio Cuango; o comando geral deste agrupamento foi novamente atribuído a Santos e Castro, que organizava a força em três CCMDS e duas companhias de Infantaria Especial (Cann, 2019).

“Para o efeito, a 3ª Repartição da Região Militar de Angola (Rep/RMA) definiu como áreas de actuação prioritárias, a alcançar por três operações que viriam a ser designadas por “Energa”, “Ébano” e “Zebro”:

- a linha Leúa-Lumege e seu prolongamento para Sul, para a zona entre os rios Luatamba e Canage, onde estavam referenciadas duas importantes secções do MPLA (Secções “Sangue do Povo” e “Cangoa”);

- a linha Luacano-Mucussuege, de onde se partiria para Sul do lago Dilolo, para a região entre os rios Chifumage e Chicaluege;

- o Alto Cuito (Tempué) – Cangamba para actuação no 5º Sector, da zona C, do MPLA;

- a partir de Cangobe-Muié, atingir o 4º Sector, da Zona C, da IIIª RM, do MPLA;” (EME, 2006, p. 313).

No Comando da Zona Militar Leste (ZML) foram confirmadas as missões existentes naquela área e foram dadas ao CIC informações e características sobre o

MPLA naquela área, tais como a fluidez do seu dispositivo, os seus objetivos em cada missão, a existência de Zonas de Reunião (ZRN) previamente definidas, ordens para o alastramento das zonas de guerrilha, entre outros (EME, 2006).

Tal como no Agrupamento Siroco 1969, este Agrupamento foi constituído por cinco CCMDS (CCMDS 19^a, 20^a e 24^a) que atuavam na modalidade de ação de “Caça”, um Agrupamento Aéreo, Helicópteros armados com heli-canhões e um Destacamento da DGS (EME, 2006).

O Agrupamento Siroco 1970 levou assim a cabo quatro operações: “Energia”, “Ébano”, “Zebro” e “Eclipse”, que causou à guerrilha do MPLA 196 mortos, 38 feridos, 315 capturados e 58 armas apreendidas, de todos os tipos, bem como muito material explosivo e equipamento (de salientar as 70 fardas camufladas), tendo também sido destruídos 18 acampamentos do MPLA (Nunes, 2013).

1.2.3 Agrupamento Siroco 1971

Tal como aconteceu em 1969 e 1970, o Comando Chefe das Forças Armadas de Angola (CCFAA) decidiu constituir mais um Agrupamento Siroco, o último, que atuou durante três meses, de 11 de junho até 16 de setembro, no Leste de Angola (Nunes, 2013) “ao longo do rio Cuíto e a Norte de Cuíto Cuanvale. Era comandado pelo Tenente-Coronel Jasmim de Freitas e as suas forças terrestres incluíam cinco CCmds e um grupo de combate de Flechas.” (Nunes, 2013 citado em Cann, 2019, p. 86).

A atuação deste agrupamento foi concebida superiormente para ser executada no sentido de Oeste para Este, em que as CCMDS eram lançadas inicialmente perto do rio Cuanza, que constituíam a fronteira com o Bié, onde já havia guerrilha em força, de maneira a batê-la e a empurrá-la para o interior (Nunes, 2013). Na fase posterior à supramencionada, o esforço das NT iria deslizar para uma segunda fase mais a Leste, entre os rios paralelos à Rota do Cuando, entrando mesmo nesta, ou insistindo na área da primeira fase, se fosse considerado necessário (Nunes, 2013).

Este Agrupamento recebeu o planeamento a ser executado em fases sucessivas, levando assim a cabo quatro operações: “Zagaia”, “Zangão”, “Zebra” e “Zoga”, sendo este conjunto de operações dividida em duas fases, em que a primeira fase englobava as operações “Zagaia” e “Zangão”, na área de Alto Cuito-Longa, e a segunda fase englobava as operações “Zebra” e “Zoga”, a Norte e Sul da linha Lupire-Cangombe-Muié;

destinando-se a evitar a expansão do MPLA que ali se tinha fixado em força, em áreas em que aumentava também a previsibilidade das NT (EME, 2006).

1.3. Operações Psicológicas (PSYOP)

1.3.1. Conceitos

Segundo o EME (2012), as Operações Psicológicas são atividades psicológicas planeadas que enviam informação selecionada e indicadores, através de meios de comunicação e outros meios, para audiências alvo, de maneira a influenciar as suas emoções, motivações e pensamentos, atitudes, percepção e comportamentos, mas também, apenas em último caso, os comportamentos de governos, organizações, grupos e indivíduos estrangeiros.

De acordo com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), as PSYOP são atividades planeadas que utilizam vários meios, como por exemplo os meios de comunicação, orientadas sobre determinadas audiências, com o objetivo de influenciar as suas percepções, atitudes e comportamentos, que contribuem para a realização de objetivos políticos e militares (*North Atlantic Treaty Organization* [NATO], 2014).



Ilustração 5: Influência das PSYOP

Fonte: IUM, 2019

Segundo Silva (2008) as PSYOP consistem na aplicação da psicologia na condução da guerra e compreende o uso da propaganda (persuasão por meios não violentos) contra o inimigo, complementando com as medidas militares necessárias.

A Ação psicológica é um campo de especialização da comunicação que trata da formulação, do conceito, das metas programadas para um certo objetivo e das técnicas de persuasão, que é utilizada nas PSYOP (Silva, 2008).

1.3.2. As PSYOP e a Ação Psicológica

As PSYOP começaram a ser usadas no seio do Exército Português na altura das Operações Siroco e especialmente no Leste de Angola.

Segundo Goldstein e Findley (1996), as PSYOP cumprem a sua missão ao transportarem informação selecionada e/ou publicidade que influencie as emoções, os motivos e os objetivos.

De acordo com a NATO (2014), os princípios das PSYOP são: o Pensamento baseados em Efeitos, de modo a raciocinar que planeamento devemos seguir, de acordo com a finalidade que temos estipulada; a Compreensão, pois as PSYOPS devem ser empáticas em relação aos comportamentos e atitudes existentes do público-alvo para reconhecer como podem ser alterados ou reforçados; a Avaliação, uma vez que o impacto das PSYOP deve ser continuamente avaliado, de modo a aferir o seu efeito no público-alvo, para analisar se são necessários ajustes às atividades desempenhadas; a Integração e Coordenação Antecipadas, visto que existem inúmeras atividades conjuntas, é necessário um planeamento prévio de todas elas de modo a serem céleres e eficazes; a Oportunidade, pois os produtos das PSYOP devem ter um momento de lançamento apropriado, de modo a gerar o efeito desejado na altura necessária; a Veracidade, porque as PSYOP devem sempre ser baseadas em informação verdadeira; a Atribuição, de modo a preservar a credibilidade das PSYOP; a Credibilidade, pois o sucesso das PSYOP depende da forma como o público-alvo encara as mesmas; e a Coerência, dado que todos os produtos específicos das PSYOP devem ser consistentes a todos os níveis, embora possam variar de acordo com os requisitos culturais e locais.

As PSYOP podem ser entendidas como a prática da Ação Psicológica. A Ação Psicológica pode ser feita em diversas audiências, sendo elas as nossas tropas, a população e o inimigo. Segundo o EME (1966), a ação psicológica consiste na aplicação de várias medidas coordenadas, com o objetivo de influenciar as opiniões, os sentimentos, as crenças, as atitudes e o comportamento das diversas audiências, com a finalidade de fortalecer o espírito de corpo e a determinação, atrair a simpatia dos meios neutros como, por exemplo, as populações, esclarecer opiniões, contrariando as influências adversas

sobre eles e modificar a atividade dos meios adversos num sentido favorável aos objetivos a alcançar.

A Ação Psicológica tem um Alvo, que pode ser um grupo humano ou um determinado Público que pretendemos atingir, e que precisamos de analisar para esclarecer fatores como: a quem é dirigida a mensagem, a quem na verdade atinge, a estratégia usada pela origem e a sua evolução, os pontos de vista expressos pela origem relativos à situação e grupos alvo atingidos, a conduta da origem em relação ao alvo, e ao conhecimento indireto do alvo, através da sua receptividade e das suas motivações (Instituto de Altos Estudos Militares [IAEM], 1982). Os tipos de alvo ou o público que existem segundo o IAEM (1982) são:

- Fundamental, que é o alvo que pretendemos atingir;
- Aparente, que é o que parece ser o nosso alvo, mas não é;
- Intermédio; que é o alvo através do qual se pretende fazer chegar a mensagem ao nosso verdadeiro alvo, o alvo Fundamental; podendo não fazer parte deste último, no entanto tendo sempre influência sobre ele;
- Não Pretendido, que é o alvo a quem não é direcionada a mensagem, mas no entanto recebe-a (IAEM, 1982).

1.3.3. Ação Psicológica nas NT

O uso da ação psicológica nas NT tem variadíssimas funções, sendo principalmente para promover o espírito de corpo e de sacrifício, “Criar e propor símbolos, estribilhos, hinos, emblemas, etc., que sejam significativos e contribuam para o fortalecimento do espírito de corpo.” (EME, 1970, p. 10), lembrando-nos da função que desempenhamos, de maneira a dar-nos motivação para lutar pela pátria “Divulgar entre os oficiais e sargentos os preceitos da Arte de Comandar” (EME, 1970, p. 10).

“Além da informação, o EME preconizava que a Ação Psicológica deveria ainda levar a efeito sobre as NT actividades de contra-propaganda, educação moral. Educação cívica e Educação Militar, no sentido de desenvolver o seu espírito de corpo, a disciplina, conceito de unidade, espírito combativo, culto de honra militar e, ainda, instrução sobre a própria Ação Psicológica.” (EME, 2006, p. 233)

1.3.4. Ação Psicológica sobre as populações

As populações ficam sempre do lado de quem mais lhes agrada. Portanto, deve investir-se num método para as conquistar. O uso da Ação Psicológica na população foi um método bastante utilizado e foi também indispensável para a guerra que se estava a travar, “A partir de 1967, porém, entendeu-se decididamente que a luta em África não podia ganhar-se sem a confiança das populações e que isso passava também pela resolução das suas mais prementes necessidades e desejos.” (EME, 2006, p. 242).

De acordo com o EME (1966), para ganhar a confiança da população ou para a conquistar existem diversas estratégias, como agir de forma a que a população tenha sentimentos estáveis, defendê-la e agir de acordo com os seus ideais.

“Objetivo principal da acção a desenvolver: a conquista da adesão da população ou a manutenção do seu apoio. Realiza-se através da Informação, Propaganda e Contrapropaganda e ainda da Acção Social, sobre a população nativa, esta como veículo indispensável para a realização daquelas três acções.” (EME, 1970, p. 12).

Em concordância com o EME (1966), a informação tem como finalidade esclarecer as pessoas, dando-lhes as bases para fundamentarem as suas opiniões, através de notícias, factos, comentários e explicações, de maneira a mentalizar a população do que está em causa, dando-lhes uma forma de se defenderem contra a propaganda do inimigo; a Propaganda, considerada neste livro o meio mais poderoso de influenciar a opinião pública, tem o propósito de influenciar as opiniões, emoções, atitudes e comportamentos das pessoas, e não o esclarecimento como a Informação, comunicando notícias, factos, comentários, explicações, apelos, entre outros, para impor as suas ideias e doutrinas; a Contrapropaganda existe quando a propaganda é feita com o objetivo de neutralizar a propaganda adversa; a Ação Social tenciona satisfazer a população, de maneira a edificar o seu nível de vida, atendendo aos seus desejos e necessidades, e, por conseguinte, conseguia tê-los “na mão”, criando também um clima mais suscetível à ação psicológica. “A ação psicológica e a acção social a exercer sobre a população constituem, no seu conjunto, como se disse, a acção psicossocial.” (EME, 1966, cap. II, p. 5).

1.3.4.1. Ação Psicossocial

A Ação Psicossocial é assim definida como a ação a exercer sobre a população de um determinado território, no qual se pretende levar a cabo uma luta contra a subversão, conduzida pela ação social a apoiar a ação psicológica. “Esta ação psicossocial

movimenta, por parte das forças militares e das autoridades civis, uma grande profusão de meios e de processos (...)" (EME, 1966, cap. II, p. 5).

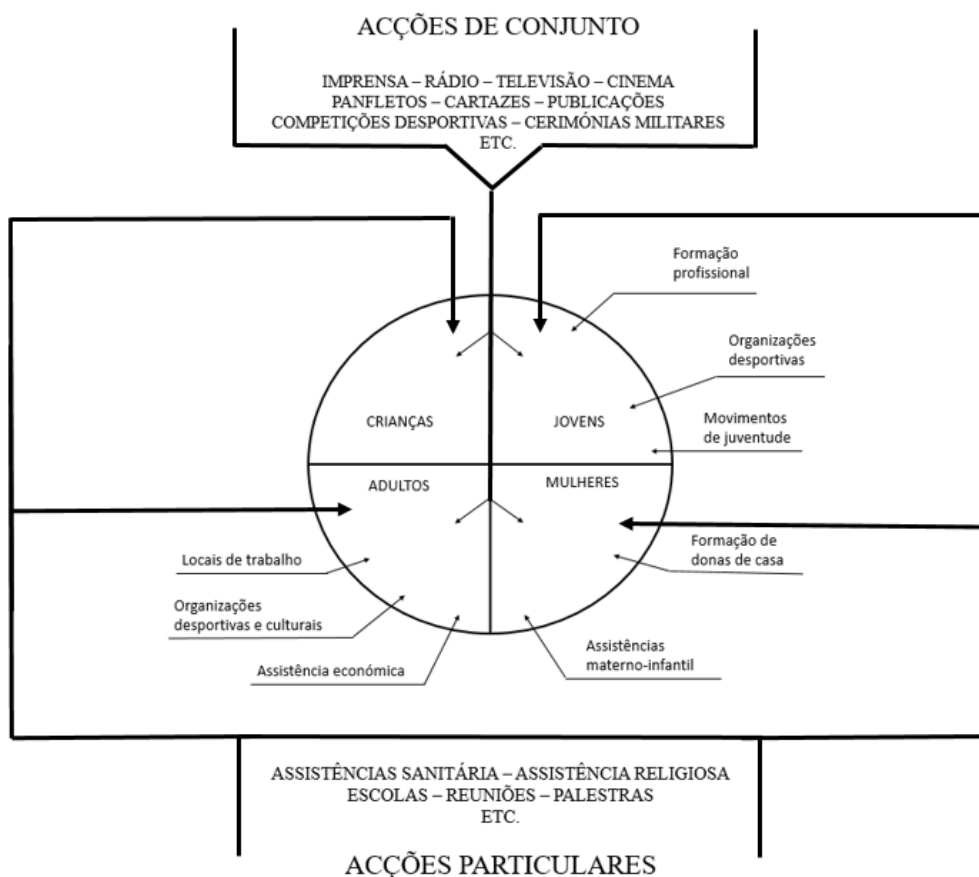


Ilustração 6: Ação Psicossocial

Fonte: EME, 1966, cap. II, p. 6

1.3.5. Ação Psicológica sobre o Inimigo

A ação psicológica exercida sobre o inimigo é fundamental. Uma vez que o inimigo é o nosso foco numa guerra, é importante usarmos todas as ferramentas que temos disponíveis para a vitória, e a ação psicológica é uma delas, como referiu Sun Tzu na “*Arte da Guerra*”:

“Se o inimigo reforça a sua dianteira, enfraquece a retaguarda; se reforça a sua retaguarda, enfraquece a dianteira; caso reforce a sua esquerda, enfraquece a direita; se reforça a direita, enfraquece a sua esquerda. Envia reforços para todos os lados, e em todos os lados estará fragilizado.”

Segundo o EME (1966) a ação psicológica a exercer sobre o inimigo tem como finalidade desmoralizá-lo e deixá-lo com uma sensação de insegurança onde quer que esteja, levando-o a acreditar que não consegue cumprir a sua missão, ficando assim impotente, fazendo se possível com que se renda. Outra finalidade desta ação sobre o inimigo é também “induzi-lo a uma falsa interpretação das atitudes das forças militares, isto é, a contribuir para a decepção das operações de combate a levar a efeito por essas forças.” (EME, 1966. cap. II, p. 14). Deste modo, o inimigo irá ser enganado com falsas informações ou irá ser orientado para pistas falsas.

1.3.6. Processos de Ação Psicológica

Segundo o EME (1966), os processos que são utilizados no decorrer de uma Operação Psicológica dependem de vários fatores como, por exemplo, os meios que temos à nossa disposição para utilizar, a forma da ação que vamos usar nessa operação e as características do meio visado no local da operação.

A importância do primeiro fator abordado no texto anterior, os meios que temos à nossa disposição para utilizar, é indiscutível, uma vez que não se podem distribuir panfletos sem ter alguém competente para os produzir de maneira clara e concisa, tendo em consideração o público-alvo, ou sem ter papel suficiente para os elaborar, e sem ter uma tipografia e meios adequados para a sua distribuição (EME, 1966). Relativamente à forma da ação que iremos utilizar podemos utilizar recursos como a informação, a propaganda e a contrapropaganda (EME, 1966). Quanto às características do meio visado, estas influenciam na escolha dos processos que utilizamos, devido à receptividade, distância, ao número de elementos, entre outras (EME, 1966).

“Assim, por exemplo, não interessa empregar jornais, panfletos ou livros para actuar sobre um meio com grande percentagem de analfabetos; não se pode organizar uma discussão dirigida para influenciar elementos inimigos; não se devem utilizar as emissões radiofónicas para dirigir a determinado sector certas ideias que podem ter efeitos prejudiciais sobre outros, etc.” (EME, 1966, cap IV p. 2).

Assim sendo, segundo o EME (1966) existem três tipos principais de processos de ação psicológica, que são complementares, com a sua classificação baseada na forma de como as ideias são recebidas pelo meio visado, que têm por finalidade apresentar estes mesmos processos com sistematização:

1. Processos Auditivos
2. Processos Visuais
3. Processos Mistos

“Em qualquer destes tipos de processos, poderão ainda distinguir-se:

- os destinados a influenciar principalmente determinados setores restritos.

- e os destinados à difusão geral de ideias, ou seja, a influenciar as massas, além daqueles que servem simplesmente como complemento dos restantes, isto é, destinados a melhorar as suas condições de aceitação por parte do meio visado.”

(EME, 1966, cap IV p. 4)

Os processos auditivos baseiam-se, como o adjetivo indica, na audição, sendo exercido principalmente através da palavra falada de boca em boca; destinam-se a influenciar em especial através da conversa, da discussão dirigida e da palestra; utilizados também, sobretudo, na difusão geral das ideias, do boato orientado, da radiodifusão e do altifalante, complementando também a música e o canto (EME, 1966).

Os processos visuais fundamentam-se na palavra escrita e na imagem, devendo esta primeira ser utilizada preferencialmente sobre os meios de maior nível intelectual, e a segunda, contrariamente, aplicável a qualquer meio; considerando-se assim dois tipos de processos visuais, consoante sejam aplicados na escrita ou na imagem, sendo empregues principalmente para influenciar setores como o painel-jornal, o painel-foto e a exposição, sendo também designados essencialmente para a difusão geral de ideias no jornal, na revista, no boletim, no folheto, no livro, no cartaz e no panfleto, complementando os desenhos, os quadros e as projeções (EME, 1966).

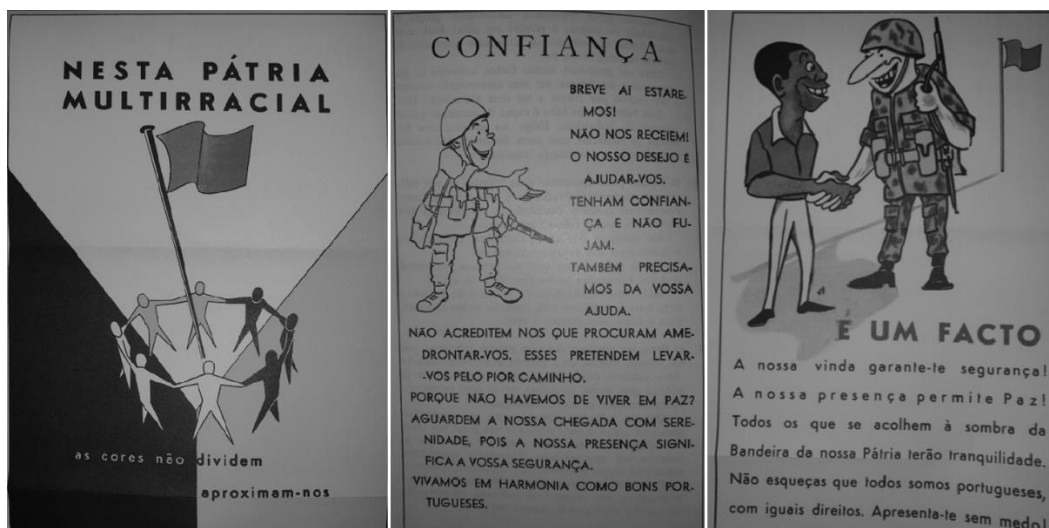


Ilustração 7: Exemplos de processos visuais de ação psicológica

Fonte: EME, 1966

Nos processos mistos utilizam-se os elementos dos processos auditivos e dos processos visuais em simultâneo, destacando-se a empregar principalmente para influenciar determinados setores restritos como a montagem teatral e as visitas de estudo; e a empregar principalmente na difusão geral de ideias como o cinema e a televisão (EME, 1966).

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1. Tipo de Estudo

O tipo de estudo utilizado na realização de um TIA vai determinar e delinear a forma como iremos desenvolver o trabalho feito. Para Fortin (1996, p. 133) “A cada tipo de estudo corresponde um desenho que especifica as atividades que permitirão obter respostas fiáveis às questões de investigação ou às hipóteses.”. Já Rosado (2017, p. 129) afirma que “Existem vários tipos de estudos científicos que são efetivados com o intuito de compreender e explicar um determinado fenómeno ou até relações entre fenómenos.”.

O tipo de estudo numa investigação vai descrever a própria estrutura segundo a qual, as questões de investigação irão descrever variáveis ou grupos de sujeitos, explorar ou examinar relações entre variáveis ou verificar hipóteses de casualidade (Fortin, 1996).

Neste TIA, tanto para a PP como para as PD escolhi usar o Estudo de caso que “é apenas uma das muitas maneiras de se fazer pesquisa em ciências sociais.” (Yin, 2001, p. 19).

Segundo Fortin (1996), o estudo de caso consiste numa investigação aprofundada sobre o assunto que estamos a estudar. “É empreendido para responder às interrogações sobre um acontecimento ou fenómeno contemporâneo sobre o qual existe pouco ou nenhum controlo.” (Yin, 1994 citado em Fortin, 1996, p. 164). Fortin (1996) continua afirmando que o estudo de caso é útil para verificar teorias e investigar casos únicos, e também explicar relações de casualidade entre a evolução de um certo fenómeno e a sua intervenção, como é o caso do tema que estudo neste TIA. O conjunto de operações feitas pelo denominado “Agrupamento Siroco” foram um caso único que permite estudar a evolução de uma força criada nesta altura, que ganhou fama através do sucesso das suas vitórias com pouquíssimo tempo de preparação.

“De facto, o estudo de caso compreende duas aplicações: pode servir para aumentar o conhecimento que se tem de um indivíduo e ter por principal objetivo a elaboração de hipóteses novas ou pode servir para estudar o efeito de uma mudança num indivíduo.” (Robert, 1988 citado em Fortin, 1994, p. 164).

2.2. Amostra

De acordo com Rosado (2017), a construção da amostra é uma parte bastante importante de qualquer investigação científica, pois temos de ter em conta o Universo que vamos utilizar, ou seja, a quantidade de sujeitos, casos ou observações que são reunidos de acordo com determinadas propriedades; a População, ou seja, os sujeitos, casos ou observações relativas a uma determinada pesquisa; a Amostra, que diz respeito aos sujeitos, casos ou observações que são selecionados da população que estamos a investigar para o nosso trabalho; e o Sujeito, representado por cada um dos participantes na amostra da pesquisa.

Já Fortin (1996, p. 202) afirma que “O plano de amostragem serve para descrever a estratégia a utilizar para selecionar a amostra (...). Fornece os detalhes sobre a forma de proceder relativamente à utilização de um método de amostragem para um dado estudo”, enquanto que Quivy & Campenhoudt (1995) defendem que o que caracteriza os sociólogos é estudarem conjuntos globais como sociedades ou organizações enquanto totalidades diferentes da soma das suas partes. “São os comportamentos de conjunto que lhes interessam em primeiro lugar, as suas estruturas e os sistemas de relações sociais que os fazem funcionar e mudar, e não os comportamentos, por si próprios, das unidades que os constituem.” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 159).

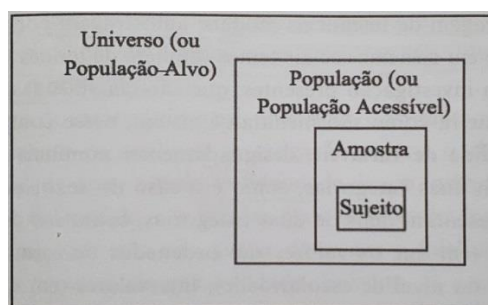


Ilustração 8: Universo, População, Amostra e Sujeito

Fonte: Rosado (2017, p. 127)

Segundo Fortin (1996, p. 202) “Uma população é uma coleção de elementos ou de sujeitos que partilham características comuns, definidas por um conjunto de critérios. O elemento é a unidade de base da população junto da qual a informação é recolhida.”.

De acordo com o mesmo autor (Fortin, 1996) uma amostra é um sub-conjunto de uma população, ou então um grupo de sujeitos que pertencem a uma população, ou seja, é

como se fosse uma réplica em tamanho pequeno da população alvo, e esta deve representar uma população visada, ou seja, as características da mesma devem estar nessa mesma amostra. Com a frase anterior, Fortin explicou que uma amostra deve ter a população o mais diversificada possível, para a poder representar como um todo.

2.3. Instrumentos

Para realizar um TIA é necessário seleccionar diversos instrumentos para nos apoiarem durante a investigação. Estes, escolhidos cuidadosamente, vão ajudar a definir como a investigação deverá ser feita.

Segundo Quivy & Campenhoudt (1995, p. 163) “Esta fase do trabalho de observação consiste na construção do instrumento capaz de recolher ou de produzir a informação prescrita pelos indicadores. Esta operação apresenta-se de diferentes formas, consoante se trate de uma observação directa ou indirecta.”. De acordo com os mesmos autores (Quivy & Campenhoudt, 1995) a observação directa é o tipo de observação em que o investigador recolhe as informações directamente, sem ter nenhum contacto com outros sujeitos, enquanto na observação indirecta o investigador recorre a outros sujeitos para adquirir a informação desejada para a sua investigação, como por exemplo a realização de inquéritos, entrevistas ou questionários. No caso deste TIA recorreu-se à observação indirecta, através da realização de questionários a sujeitos que vivenciaram estes acontecimentos em primeira mão.

Os instrumentos utilizados neste trabalho foram então principalmente a pesquisa bibliográfica exaustiva no que toca ao tema a tratar. Operações Psicológicas, a tropa especial “Comandos” e o Agrupamento Siroco foram o foco deste trabalho. Foi para esses mesmos temas que foi direccionada grande parte da pesquisa bibliográfica.

As entrevistas por questionário também foram um instrumento valioso para a realização desta tese, uma vez que permitiram confirmar toda ou quase toda a pesquisa bibliográfica que foi feita, e, mais importante que isso, permitiram preencher “buracos” na informação obtida, uma vez que quem teve uma observação directa dos acontecimentos e os vivenciou é uma fonte rica, credível e bastante importante para a credibilidade deste documento. “Nas suas diferentes formas, os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interacção humana. Correctamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas

informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 191-192).

2.4. Procedimentos

Os procedimentos que são realizados para fazer uma investigação definem a própria investigação e o jeito como a mesma irá ser feita. Estes devem ser escolhidos com atenção e consciência de acordo com o que a investigação permite, de maneira a ser um auxílio valioso para a mesma e não só mais uma ferramenta. “Antes de empreender uma colheita de dados, o investigador deve perguntar-se se a informação que quer colher com a ajuda de um instrumento de medida em particular é exatamente a que tem necessidade para responder aos objetivos da sua investigação.” (Fortin, 1996, p. 240).

Quivy & Campenhoudt (1995, p. 25) declaram que “O primeiro problema que se põe ao investigador é muito simplesmente o de saber como começar bem o seu trabalho.”, e completam referindo que “De facto, não é fácil conseguir traduzir o que vulgarmente se apresenta como um foco de interesse ou uma preocupação relativamente vaga num projeto de investigação operacional.” Quivy & Campenhoudt (1995, p. 25).

O autor (Fortin, 1996, p. 240) declara que “Os dados podem ser colhidos de diversas formas junto dos sujeitos. Cabe ao investigador determinar o tipo de instrumento de medida que melhor convém ao objetivo do estudo, às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas.”

Os dados para um trabalho científico podem ser recolhidos de várias formas, e é da responsabilidade do investigador, escolher os instrumentos adequados á sua pesquisa, ou, caso seja necessário, construí-los; portanto, os principais métodos de colheita de dados são as medidas objetivas, que não deixam lugar para a interpretação do investigador, e as medidas subjetivas, que é o caso das entrevistas e questionários (Fortin, 1996), sendo esta última a utilizada neste TIA.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO, ESTUDO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Introdução

Após ter concluído toda a revisão da literatura com a bibliografia abaixo mencionada, e após ter analisado todas as entrevistas, chegamos à parte da análise dos resultados e da sua discussão, para poder assim atingir os OE definidos e posteriormente obter uma resposta para a PP.

3.2. Entrevistas

As entrevistas realizadas para este trabalho basearam-se principalmente nas dúvidas que foram sendo levantadas aquando da realização da revisão da literatura, bem como algumas informações necessárias para poder conciliar as PSYOP com as Operações Siroco.

Assim sendo, as entrevistas foram realizadas entre os dias 12 de abril de 2021 e 13 de maio de 2021, presencialmente, e foram entrevistadas maioritariamente pessoas envolvidas nas Operações Siroco ou então que estivessem a par das mesmas operações. Foram então entrevistados o Sr. Tenente General “CMD” Júlio Oliveira, no dia 16 de abril em Algés (Apêndice B); o nosso Coronel Tirocinado de Infantaria “CMD” Raúl Folques, no dia 12 de abril, na Associação de Comandos, em Lisboa (Apêndice C); o nosso Tenente-Coronel Isaías Pires e o nosso Major da Força Aérea Carlos Acabado na Bateria da Lage, em Oeiras (Apêndice D); o Sargento-Mor de Infantaria “CMD” Carlos Vinagre, no dia 16 de abril em Queluz (Apêndice E); e o Primeiro-Sargento de Infantaria “CMD” Adérito Carvalho no dia 9 de abril, em Leiria (Apêndice F).

As perguntas levadas a cabo nas entrevistas foram as mesmas, como se pode ver no Apêndice A – Guião de Entrevista. Visavam apurar se a ação psicológica era dada ou ensinada durante a formação ou o treino em Angola; que situação levou à realização das Operações Siroco; se a Ação Psicológica era usada durante as Operações Siroco; que meios de Ação Psicológica eram usados nessas mesmas operações; qual a evolução que a Ação Psicológica teve no decorrer da guerra; que impacto é que a guerra de África teve nas Operações Psicológicas; por que razão foram escolhidos os Comandos para estas operações; quem ajudava ou apoiava mais os Comandos nestas operações; se antes das

Siroco o MPLA estava a ter sucesso nas operações que desempenhavam; como ficou a situação militar depois das Siroco; como ficou a atividade das forças do MPLA; se retiraram ou continuaram a atuar; e que influência é que as Operações Siroco tiveram nos Comandos.

3.3. Apresentação das Entrevistas

Na apresentação das entrevistas irei expor as perguntas feitas nas entrevistas e mostrar as repostas dadas por cada um dos entrevistados, para, posteriormente, fazer uma análise dessas mesmas repostas, de maneira a conseguir compilar a informação dada. Em apêndice deste TIA irão estar as entrevistas feitas, tabelas com o mais importante e pertinente de cada resposta, sendo isso que vai ser apresentado neste subcapítulo. Algumas das repostas a determinadas perguntas são dadas noutras perguntas, sendo então, nas tabelas supramencionadas, feita uma seleção das mesmas repostas para as perguntas destinadas.

3.3.1. Pergunta 1: A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?

Nesta primeira pergunta, o objetivo foi o de aferir se havia o uso da ação psicológica durante a formação dos Comandos em Angola, durante as operações Siroco, quer no curso, quer após o curso como recurso para a saber utilizar.

Assim sendo, a esta pergunta, o General Júlio Oliveira respondeu que não havia uma matéria, ou tempos de formação específicos para a ação psicológica, havendo, sim, princípios que os instrutores e monitores utilizavam durante a instrução ministrada. Desde a apresentação impecável por parte dos instrutores e monitores, até à apresentação impecável dos instruendos durante a instrução. Durante o curso, os instruendos eram levados a reconhecer as suas capacidades, saber quais eram os seus limites, para saberem até onde aguentavam quando estivessem em combate, dando bastante ênfase ao facto de os instruendos conhecerem bem os seus limites. Outro ponto importante, que engrena na ação psicológica, era o homem conhecer-se bem, conhecer o inimigo, e porque é que havia aquela guerra, ou seja, saber os motivos pelos quais estava a lutar, como uma forma de motivação. A camaradagem, para levar o homem a revelar-se a ele mesmo e a saber com quem podia contar quando estivesse em situações difíceis. A imprevisibilidade era outro fator ao qual era dado bastante importância durante o curso de Comandos. A ação psicológica individual no que tocava à imprevisibilidade era, por exemplo, o indivíduo não

saber os horários, nem os tempos de formação, e só era avisado na altura, obrigando-os a prepararem-se em pouco tempo, tendo sempre um estado de prontidão irrepreensível. Era acordar a meio da noite a qualquer hora para ir fazer uma determinada missão. A ação dos monitores era bastante importante neste processo, pois tinham de conseguir levar os instruídos ao limite sem os deixar ultrapassar esse limite. Em suma, o homem tinha de conhecer muito bem os seus limites, conhecer o inimigo e o modo dele atuar. A ação psicológica era permanente ao longo dos cursos. Para além da ação dos instrutores e monitores com o procedimento deles, havia sempre outros meios de atuar, que eram os cartazes, cartazes grandes com determinações, conselhos, até a própria sobrevivência se fazia com cartazes, mesmo em combate, que iam sendo expostos em pontos que era obrigatório passar como é evidente, e que iam evoluindo consoante a fase do curso, a fase individual, a fase de equipa, iam evoluindo, sendo que estes nunca eram distribuídos, eram sempre deixados em determinados lugares, com conselhos, com maneiras de ser, todas orientadas psicologicamente. Havia também uma ação psicológica através dos rádios, a voz do Comando, utilizada em todos os cursos.

O Coronel Raúl Folques respondeu que durante o curso de Comandos havia uma ação psicológica que era orientada especificamente para o curso, porque havia uma quantidade imensa de ação psicológica, que era feita quase diariamente. Os instruídos eram incutidos desde o início com o porquê da necessidade de combater, porque é que se combatia, por que razão, o auxílio que se prestava às populações, o apoio que se precisava de dar, o apoio que se precisava de ter. Tudo isto eram coisas que desenvolvidas desde o início da instrução, havendo uma entrega muito frequente de uns panfletos para ajudar e para cimentar os pontos que eram focados na instrução. Havia também a voz do Comando, que era feita várias vezes ao longo do curso, que era um discurso que era dito ao pessoal com as razões porque estavam ali, porque é que iam combater, como se deviam comportar, o respeito que deviam ter pelas populações, o respeito que deviam ter até pelo inimigo.

O Tenente-Coronel Isaiás Pires, nesta pergunta, afirmou que era bastante utilizada a ação psicológica ao longo do curso, não se alongando muito na sua resposta.

O Major Carlos Acabado referiu que os instruídos tinham que ser treinados psicologicamente para o combate, para as situações que iriam enfrentar, portanto, havia um grande uso de ação psicológica, de várias maneiras, durante os treinos.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre referiu que a ação psicológica era ensinada tanto na EEMA (Escola de Educação Militar de Angola) onde iniciou a tropa, como nos Comandos, sendo que no curso de Comandos era dada com muito mais intensidade.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho afirmou que a ação psicológica era constante e diária no curso de Comandos.

3.3.2. Pergunta 2: Qual a diferença entre Operações Psicológicas e Ação Psicológica, na sua opinião?

Esta pergunta teve como objetivo aferir a diferença entre Operações Psicológicas e Ação Psicológica, tendo sido uma das dúvidas presentes ao longo do TIA, para a qual tinha poucas fontes que me conseguissem responder. Assim sendo, tive várias respostas a esta pergunta.

O General Júlio Oliveira respondeu que, segundo o seu ponto de vista, as operações psicológicas eram executadas sobre a população civil e sobre o inimigo e a ação psicológica era empregue sobre as nossas tropas, maioritariamente, aplicada em instruendos em formação.

O Coronel Raúl Folques disse que as operações psicológicas eram o resultado da ação psicológica, sendo que na ação psicológica se aprende os fundamentos, a maneira de atuar, o que deve fazer, como influenciar, e que as operações psicológicas são essa prática, dando o exemplo de haver médicos e enfermeiros que possam uma ou duas vezes por semana, com frequência, dar apoio à população, ter a população devidamente controlada e satisfeita, ou seja, ver quais as suas necessidades e recorrer a essas necessidades. No fundo uma operação psicológica ocorria para manter a população do nosso lado, para procurar que a população nos adotasse, que acreditasse em nós, que tivesse em nós toda a confiança, e enquanto na ação psicológica aparecem os seus princípios, nas operações psicológicas é a prática. Deu também o exemplo de quando se ia a uma sanzala, onde aparecia o régulo, por exemplo, um chefe de uma tribo, e se trocava prendas e cumprimentos com eles, sendo porém mais do que isso, era também a garantia que lhes facultávamos apoio sanitário, médicos e enfermeiros, e esse apoio funcionava bastante bem.

O Tenente-Coronel Isaías Pires afirmou que achava pouca diferença entre operações e ação psicológica, justificando que uma tropa bem treinada e com experiência naquilo que faz está preparada para enfrentar todas as situações, sendo a base principal na instrução, e que a base individual é que comanda todas estas ações.

O Major Carlos Acabado não deu resposta a esta pergunta.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre disse que as operações psicológicas são empregues na população civil, enquanto a ação psicológica era diretamente no militar, sendo que, especificamente nos Comandos, funcionava muito e era feita permanentemente.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho não respondeu a esta questão.

3.3.3. Pergunta 3: Que situação levou à realização das Operações Siroco?

O objetivo desta questão foi confirmar a veracidade da informação encontrada durante a revisão da literatura, tendo também como alvo procurar ampliar essa informação.

O General Oliveira respondeu que tinha sido o normal de qualquer operação, ou seja, através do estudo do inimigo, decidiu-se que se devia atuar daquela forma. Os Comandos têm importância nisto porque fomentaram a concordância do comandante da zona, o General Bettencourt, que era a ligação íntima entre a ação de helicópteros com a ação terrestre dos Comandos, uma parceria muito importante nestas operações.

O Coronel Raúl Folques enunciou que era uma ideia antiga do Comandante Santos e Castro, sendo que este imaginou uma operação em que se conciliava meios aéreos com tropas Comando, num terreno que era possível essa utilização ter êxito. O comandante Santos e Castro imaginou então uma operação em que os helicópteros transportavam a tropa e esta era colocada e saturava a zona. Após a saturação da zona e posterior contacto com o inimigo, havia uma reserva que estava preparada ao minuto para poder ser lançada, para fechar caminhos, a fazer emboscadas, combater, criar combates inopinados, entre outras coisas. Após ter pensado neste esquema, pôs o problema ao Comandante-Chefe ou Comandante-Militar de Angola, que aceitou, e então foram feitos os Sirocos no Leste. Então o pessoal era colocado, saturava a zona, encontrava inimigo, que depois ou queria-se furtar-se ou combatia. Quando se queriam furtar, ele procurava tapar as rotas do inimigo, e assim houve muitos êxitos. O comandante Santos e Castro tirou esta ideia da maneira de atuar dos franceses na Argélia, que chegaram a colocar batalhões de helicópteros, sendo que nós nunca colocamos mais que um grupo, pois não havia efetivo para tal. Esta ideia de manobra não é totalmente original nossa, foi a adaptação da maneira de atuar dessas operações na Argélia, que o comandante estudou, viu que dava resultado, e decidiu treinar as nossas tropas a executarem este tipo de operações.

O Tenente-Coronel Isaiás Pires disse que estas operações foram feitas precisamente porque os angolanos mudaram as rotas do Norte para Leste, sendo que a Zâmbia deu-lhes também apoio, montando bases dentro do território zambiano junto da fronteira e que lhes

deu mais fácil acesso à frente de Leste. Dava origem a que tivéssemos de combater no Norte e no Leste com as nossas tropas.

O Major Acabado referiu que a situação que levou a serem feitas as Operações Siroco foi a interceção das linhas de infiltração que o MPLA queria fazer através do Leste depois de ter perdido o Norte de Angola.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre disse que o inimigo estava a concentrar-se demais no Leste de Angola, portanto, em 1969, aquando da primeira Operação Siroco, havia demasiada concentração de pessoal inimigo (In) no Leste e tinha que haver uma maneira de os dominar e de dominar a zona Leste. O inimigo era o MPLA, o FNLA, e por isso mesmo teve de se inventar, saber, fazer uma operação em grande escala para eliminar o inimigo nessa zona.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho disse que, na sua opinião, a ideia inicial teria sido limpar o terreno, por conseguinte, bater toda a área do Leste onde a Siroco era feita. Bater a área no sentido de eliminar bases inimigas, e assim que uma determinada quadrícula deixasse de ter interesse, por falta de objetivos, mudava-se de quadrícula.

3.3.4. Pergunta 4: Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?

Esta questão teve como objetivo saber até que ponto foi usada a ação psicológica na execução das operações do Agrupamento Siroco, ou seja, se era realmente usada nas operações ou apenas na formação dos instruendos.

Nesta questão, o General Júlio Oliveira apenas referiu que a ação psicológica foi usada, não se alongando muito na sua resposta.

O Coronel Raúl Folques disse que havia realmente uso da ação psicológica e que as ações típicas do Agrupamento Siroco eram ações de combate, mas apesar disso, durante todas as operações do Agrupamento Siroco houve sempre um esforço por parte das nossas forças de utilizar permanentemente a ação psicológica. Referiu que apesar de haver empenhamentos, houve sempre o cuidado de ir às sanzalas, aos quimbos, para conversar com os régulos, para dar apoio sanitário, entre outros. Em suma, afirmou que apesar de ser um Agrupamento feito precisamente para combater, nunca descurou a ação psicológica.

O Tenente-Coronel Isaías Pires não deu nenhuma resposta direta a esta pergunta, não obstante, deu vários exemplos de ações psicológicas durante estas operações, o que no fundo, significa que houve bastante uso deste tipo de ações.

O Major Carlos Acabado disse que na nossa ação psicológica a população é que era a base numa guerra destas, e que nós não fizemos um trabalho perfeito, dando exemplos do que se tinha feito, o que significa que também houve uso da ação psicológica durante estas operações.

O Sargento-Mor Vinagre disse que se fazia uso da ação psicológica, porém era uma ação mais viradas para o civil, não sendo executadas nos militares, mas destes para os civis.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho não deu nenhuma resposta a esta pergunta.

3.3.5. Pergunta 5: Que meios de Ação Psicológica eram usados?

Esta pergunta teve como objetivo saber os meios de ação psicológica que eram usados durante as operações Siroco, e de que forma estes eram usados.

O General Júlio Oliveira respondeu que a ação psicológica era usada de diferentes maneiras, desde a apresentação impecável dos instrutores e monitores, desde a apresentação sempre durante a instrução, dos próprios instruendos, sendo que outro meio importante era levar os instruendos ao seu limite, não deixando ultrapassar esses mesmos limites, passando pelo conhecimento das causas da guerra e pela camaradagem, pelo conhecimento dos camaradas e do inimigo. Também era dada ênfase à imprevisibilidade de horários e instruções, de maneira a apurar o maior estado de prontidão possível. Para além da ação dos instrutores e monitores, com o procedimento deles, havia sempre outros meios de atuar, como, por exemplo, os cartazes. Cartazes grandes com determinações, conselhos, até a própria sobrevivência se fez com cartazes, mas mesmo para o combate e para tudo, cartazes que iam sendo expostos em pontos onde era obrigatório passar e que iam evoluindo consoante a fase do curso. Estes últimos eram normalmente em formato A5 e apareciam em cima das camas. Nunca eram distribuídos, eram deixados em determinados lugares, com conselhos, com maneiras de ser, todos orientados psicologicamente. Havia também ação psicológica através de rádio e “a voz”.

O Coronel Raúl Folques referiu que havia uma entrega muito frequente de uns panfletos para ajudar e para cimentar os pontos que eram focados na instrução, como os exemplos no Anexo B. Havia aquilo que chamavam “a voz do Comado”, que era feita cerca de uma vez por semana, que servia para informar os instruendos das razões porque estavam ali, porque é que iam combater, como se deviam comportar, o respeito que deviam ter pelas populações, o respeito que deviam ter até pelo inimigo.

O Tenente-Coronel Isaías Pires respondeu que era com panfletos no curso, por exemplo, e o inimigo usava muito a rádio com informações enganosas para levar a população e as tropas nossas amigas a acreditar em informações que na realidade eram falsas.

O Major Carlos Acabado não respondeu a esta questão.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre referiu que as ações psicológicas mais usadas eram a título de poupar a família. Não massacrar homens, mulheres e crianças. Não abater, ou não matar mulheres e crianças, e mesmo os homens desarmados eram poupados. Recuperar tudo o que era inimigo, para nossa informação, para sabermos com o que podíamos contar na zona. Eram usados também panfletos, mesmo lançados via aérea.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho referiu que eram usados desde gestos, a ordens vocais, altifalantes, papéis, informação posta na caserna ou transmitida oralmente. A ação psicológica era constante durante o curso de Comandos, de tal modo que mesmo após uma marcha forçada podia-se exercer ação psicológica da forma que os instrutores e monitores achassem conveniente. A ação psicológica também era exercida, por vezes, convencendo o pessoal que ia de fim-de-semana, e chegando à estação de comboios, era mandado formar e regressar ao quartel.

3.3.6. Pergunta 6: Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?

Esta pergunta teve como objetivo aferir a evolução da ação psicológica com o decorrer da guerra em África, de maneira a ver a evolução destas ações ao longo do tempo, inclusive nas operações Siroco.

O General Oliveira deu exemplos de experiências que teve ao longo do tempo que esteve em África, sendo que muitas dessas operações funcionaram e foram aumentando a sua eficácia e evoluindo, introduzindo posteriormente o lançamento de panfletos, comida, difusão de rádio e músicas.

O Coronel Raúl Folques disse que houve muita evolução, porém isto já é fora do Agrupamento Siroco. Referiu que a partir de 1961 se chegou à conclusão de que era necessário fazer uma ação psicológica para chamar as populações. E desde o início que se tratavam bem os prisioneiros e se dizia para voltarem para a mata e trazerem as suas tropas para o nosso lado. Referiu também que, numa primeira fase, houve massacres provocados pelo inimigo, pela UPA no Norte de Angola, o MPLA em Luanda. Depois houve uma

segunda fase em que os brancos organizaram em milícias antes da tropa chegar e houve represálias violentas, sendo que a partir daí começou a fazer-se um esforço para recuperar as populações, fazendo prisioneiros, tratando-os bem, garantindo-lhes comida e apoio sanitário. Depois influenciava-se os prisioneiros de modo a trazer as suas tropas para o nosso lado. Isto acabou por criar uma situação em que o inimigo começou a ficar desapoiado, de tal maneira que no fim da guerra, no Norte de Angola, praticamente não havia populações a apoiar a União das Populações de Angola (UPA) ou o MPLA. Foi um processo demorado. Pode-se considerar que em termos de ação psicológica, e face ao nosso comportamento, o mais importante foi sempre este apoio sanitário. Passados alguns anos desta ação psicológica inicial, começaram a aparecer panfletos que eram lançados na mata. A tropa deixava-os às vezes, outras vezes eram os aviões que os largavam. Havia também cartas que se deixavam na picada e depois eles respondiam. Referiu também que se pagava bem aos guias que iam para a mata com as nossas tropas.

O Tenente-Coronel Isaiás Pires e o Major Carlos Acabado não responderam a esta questão.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre respondeu dizendo que tinha havido uma grande evolução da ação psicológica, insistindo no facto deste tipo de ação ser mais virada para os civis. Afirmou que a nossa aproximação para com os povos africanos evoluiu muito e a ação psicológica surtiu muito efeito mesmo.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho não respondeu a esta questão.

3.3.7. Pergunta 7: Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?

O objetivo desta questão foi o de apurar que alterações sentiram na doutrina das Operações Psicológicas durante e após a guerra em África, mais especificamente, durante e após as Operações Siroco, para comparar com a realidade dos manuais doutrinários que temos hoje em dia.

O General Júlio Oliveira não respondeu a esta questão.

O Coronel Raúl Folques respondeu que, segundo o que se lembrava, não havia doutrina antes da guerra, e que a mesma foi feita durante a guerra, acabando por chegar ao que temos hoje. Referiu que a primeira vez que ouviu falar em ação psicológica foi quando era Aspirante, em que um Major, na altura, foi fazer uma conferência a Mafra aos Aspirantes sobre ação psicológica. O então Major Hermes de Oliveira tinha estado na

Argélia e havia lá uma Companhia de Caçadores Especiais que tinha um Pelotão só para ação psicológica. Segundo o Coronel Folques, foi a primeira vez que ouviu falar de ação psicológica, e nessa altura ainda não havia guerra em África. Referiu que, a partir daí, os rudimentos da ação psicológica foram-se montando e quando acabou a guerra já tínhamos uma doutrina firme sobre ação psicológica.

O Tenente-Coronel Isaías Pires e o Major Carlos Acabado não responderam a esta questão.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre respondeu que a doutrina ministrada foi muito boa, pois ensinou muito ao pessoal militar, a maneira de estar e de lidar com o povo de Angola.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho também não respondeu a esta questão.

3.3.8. Pergunta 8: Por que razão foram escolhidos os Comandos para estas Operações?

Decidi pôr esta questão no Guião de Entrevista com o objetivo de saber por que razão foram escolhidos os Comandos para fazerem este conjunto de operações, uma vez que foram os principais intervenientes nas Siroco.

O General Júlio Oliveira respondeu que os Comandos foram escolhidos pela sua qualidade e pela sua maneira de atuar, e também porque o Brigadeiro Bettencourt Rodrigues apoiou a formação de comandos no seu início em Angola e no Exército, durante as operações Siroco, era o comandante da zona Leste, o que praticamente o levou a ser o comandante dessas operações.

O Coronel Raúl Folques respondeu que os Comandos não foram escolhidos, pois quem pensou nesta estratégia, nesta maneira de atuar, foi o Comandante Santos e Castro, que, como já mencionei numa questão anterior, foi buscar esta ideia à maneira de atuar dos franceses na Argélia e propôs estas operações ao General, que aceitou a sua proposta.

O Tenente-Coronel Isaías Pires referiu também que os Comandos não foram escolhidos. Porém fizeram estas operações porque foram a tropa que melhor combateu em Angola. Referiu ainda que as companhias atuaram sempre a nível de Grupo e que os Comandos ao longo da guerra, embora com algumas dificuldades e deficiências, adotaram sempre a contraguerrilha, quase semelhante ao que o inimigo fazia, pois uma guerra de guerrilha só se combate utilizando as mesmas técnicas que os próprios guerrilheiros usam.

O Major Carlos Acabado disse também que os Comandos não foram escolhidos, pois estes, na altura em que foram formados geraram este tipo de Operações Siroco,

referindo que foram inspiradas na Argélia e que esta proposta foi uma iniciativa do Comandante Santos e Castro.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre disse que os Comandos fizeram estas operações pois eram uma tropa especial, preparada precisamente para este tipo de operações, e que eram a tropa mais bem preparada na altura.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho disse também que os Comandos fizeram estas operações porque era a tropa mais indicada e melhor preparada no terreno, devido ao facto de ser treinada precisamente naquele terreno e conheciam como ninguém, uma vez que todo o curso e formação eram dados nesse espaço.

3.3.9. Pergunta 9: Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?

Esta questão teve como objetivo saber quem é que mais apoiava os Comandos ou quem combatia junto deles nas Operações Siroco.

O General Júlio Oliveira disse que o apoio fundamental que os Comandos tiveram e que ainda hoje existe, foi da Força Aérea, com helicópteros como os *Fiat* e os DO (*Dornier*), sendo que cada um tinha a sua missão específica. Referiu ainda que para o combate, especialmente nas Operações Siroco, os Comandos e os helicópteros, na sua opinião, foram os heróis e que principalmente o trabalho conjunto dos dois lados, por exigência do Brigadeiro-General Bettencourt Rodrigues, com outros territórios onde havia guerra foi o que melhor funcionou.

O Coronel Raúl Folques disse que o Agrupamento Siroco tinha uma Companhia de Comando e Serviço (CCS), um Pelotão de Transmissões, um Pelotão Sanitário, a intendência, transportes, três Companhias de Comandos a ser empenhadas, um Agrupamento Aéreo, que era formado por cinco helicópteros mais o helicóptero canhão, um DO, os aviões em alerta no solo, que eram *Fiat*, e os helicópteros que apoiavam a operação. Para além disso serviam-se também dos guias nativos que conheciam o terreno para os ajudar a orientarem-se nas matas.

O Tenente-Coronel Isaías Pires também disse que a Força Aérea foi um grande apoio das tropas Comandos nas operações Siroco, pois houve operações em que, quando um Grupo prolongava a operação por mais alguns dias, a Força Aérea levava-lhes rações, ou às vezes também era necessário ir lá levar combustíveis. Quando havia feridos foi sempre a Força Aérea que os recuperou, com helicópteros.

O Major Carlos Acabado também referiu que a Força Aérea apoiou muito os Comandos nestas operações, em concordância com o Tenente-Coronel Isaías Pires, dando exemplos de que quando havia evacuações e feridos a Força Aérea é que os ia buscar. Declara ainda que nas Operações Siroco houve uma grande colaboração entre os Comandos e a Força Aérea.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre disse que quem mais apoiava os Comandos era a Força Aérea, com helicópteros, principalmente.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho referiu que os Comandos maioritariamente trabalhavam isolados.

3.3.10. Pergunta 10: Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?

Esta questão teve como objetivo aferir qual era a eficácia das operações levadas a cabo pelo MPLA, antes das Operações Siroco, para posteriormente fazer uma comparação com situação militar após estas operações.

O General Júlio Oliveira respondeu a esta questão dizendo que efetivamente tinham algum sucesso no que faziam, e quando se iniciou este conjunto de operações ficaram bastante quebrados e derrotados.

O Coronel Raúl Folques disse que o MPLA estava a ganhar terreno e que as operações Siroco atuaram como um travão para o MPLA, para posteriormente, com a continuação das mesmas operações, equilibrarem, controlarem e criarem uma situação de desconexão ou desequilíbrio no MPLA.

O Tenente-Coronel Isaías Pires respondeu que estavam a ter algum sucesso, mas não em tudo, pois como começaram a ter algumas dificuldades no Norte de Angola, começaram a mudar as suas rotas para o Leste, mudando assim de estratégia.

O Major Carlos Acabado não respondeu a esta questão.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre disse que o MPLA estava a ter algum sucesso nas poucas operações que ia fazendo, referindo que tinham grandes guerrilheiros, que tiveram um grande nome e êxitos antes dos Comandos lá chegarem.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho disse que, segundo o que se lembra, esse eventual sucesso foi quando o MPLA começou a ter uma certa expansão no Leste de Angola, uma vez que previamente estavam mais empenhados no Norte, onde havia uma grande atuação da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), e depois o MPLA e a

União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) acabam por espalhar as operações feitas no Leste, pois tinham uma enorme fronteira com os países limítrofes, onde a logística podia entrar a favor deles.

3.3.11. Pergunta 11: Como ficou a situação militar depois das Siroco?

Esta pergunta teve como finalidade saber como ficou a situação em Angola depois das Operações Siroco. Se ficou estável, se continuaram a haver ataques ou se a situação ficou pacífica.

O General Júlio Oliveira respondeu que é importante dizer-se que em Angola não se perdeu a guerra, não estava nas melhores condições, mas a situação melhorou substancialmente.

O Coronel Raúl Folques referiu que em 1974 o Leste de Angola estava pacífico.

O Tenente-Coronel Isaiás Pires menciona que em Angola ainda havia alguns conflitos, porém, no geral, a situação ficou controlada.

O Major Carlos Acabado disse que depois das Operações Siroco não havia guerra em Angola.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre disse que a situação estava completamente dominada, referindo que a expressão que se usa é que a guerra estava ganha no Leste. Relata ainda que a Siroco só existiu no Leste de Angola e que lá a guerra estava ganha.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho respondeu que esta situação já era do tempo dele, uma vez que quando foi para Angola, em 1972, já tinham acabado os Agrupamentos Siroco e então fez apenas uma “Mini-Siroco”, em 1972, e os resultados que obtiveram já não justificavam a partir daí o emprego de tropas Comandos numa Siroco completa de três meses. Refere ainda que a situação militar estava muito melhor para o nosso lado e a atividade inimiga começou a rarear.

3.3.12. Pergunta 12: As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?

O objetivo desta questão foi saber como ficou o MPLA, depois das Operações Siroco, e como ficou a sua atividade.

O General Júlio Oliveira respondeu que passou a atuar bastante menos, uma vez que perderam muita gente nas Operações Siroco. Referiu que os seus caminhos foram barrados e sofreram muitas perdas e a UNITA começou a crescer e a procurar entender-se connosco. Convinha-lhe isso, uma vez que também não tinha forças suficientes para fazer guerra e esse entendimento continuava com o objetivo da libertação e da independência.

O Coronel Raúl Folques disse que as Operações Siroco começaram por ser o travão às movimentações do MPLA. Depois começaram a ser um desequilíbrio, e finalmente acabaram por ser as ações que criaram o desmembramento total da estrutura do MPLA, de tal maneira que tiveram que recorrer ao Congo e à Zâmbia.

O Tenente-Coronel Isaías Pires respondeu que as forças do MPLA continuaram a atuar mas muito pouco, referindo que depois destas operações ficaram completamente de rastos. Foi fundamental a atuação dos Comandos que lhes partiu a espinha dorsal e que os deixou de rastos. Não só a atuação da tropa como também a falta de logística deles, desde material, alimentação, a entrega de população, guerrilheiros capturados e abatidos. Referiu ainda que acabaram por desenvolver problemas dissidentes uns com os outros, deixando-os desmoralizados. Finalizou a resposta dizendo que o MPLA no 25 de abril não tinha qualquer representação em Angola.

O Major Carlos Acabado disse que ficaram sem população e guerrilheiros, restando-lhes apenas os seus intelectuais que estavam fora do país e, portanto, não representavam nada.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre respondeu que o MPLA ficou com poucos focos ou quase nenhuns, sendo que no Leste, onde foi a maior incisão das Operações Siroco, tinham praticamente zero. Referiu que no Norte ainda tinham alguns, mas poucos focos, pois era mais difícil de controlar, estava dominado completamente e a guerrilha estava dominada.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho disse que a atividade inimiga começou a rarear, ou seja, o MPLA não tinha quase guerrilheiros nenhuns.

3.3.13. Pergunta 13: Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?

O objetivo desta questão foi saber se as Operações Siroco tiveram alguma influência nos Comandos, mais propriamente no que diz respeito aos módulos na instrução do curso de Comandos.

O General Júlio Oliveira disse que aprendemos a ligação dos helicópteros com a tropa apeada e da importância que esse trabalho em conjunto tem. Dá ênfase também à maneira de atuar naquele terreno, não tanto na mata, mas na anhara ou na savana.

O Coronel Raúl Folques respondeu que pelo que se lembrava não teve influência no curso em si, pois o curso estava preparado para as adversidades que enfrentaram como operacionais. Referiu ainda que o curso de Comandos, a partir de 1962, foi um esforço contínuo, e que foi uma obra do Coronel Santos e Castro que começou com várias influências, sendo que depois daquele trabalho de base, foi todo ele organizado e cimentado.

O Tenente-Coronel Isaías Pires respondeu que os operacionais continuaram moralizados como estavam quando se deram as Operações Siroco. Refere ainda que os Comandos foram sempre uma tropa que teve capacidade de resposta para a situação que se vivia.

O Major Carlos Acabado não respondeu a esta pergunta.

O Sargento-Mor Carlos Vinagre disse que estas operações tiveram muita influência no que toca à camaradagem, em termos de êxito. Refere ainda que essencialmente os êxitos que os militares Comandos tiveram em Angola foram devidos às Operações Siroco.

O Primeiro-Sargento Adérito Carvalho referiu que no curso havia sempre adaptações consoante o terreno, que podiam às vezes não ficar registadas, pois isso também já variava de instrutor para instrutor, consoante a sua experiência. Disse também que a instrução era virada precisamente para esse objetivo, de modernizar ou utilizar as táticas mais recentes aprendidas no terreno e eram transmitidas entre cada um deles, de mais antigo para mais moderno, e, por consequência, aos grupos de instruendos na formação.

3.4. Discussão e Análise das Entrevistas

3.4.1. Pergunta 1: A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?

Segundo as respostas obtidas nesta pergunta, confirma-se que o uso da ação psicológica era, realmente, bastante usada na formação dos militares Comandos, numa base diária e constante, não havendo, porém, tempos de formação específicos sobre como aprender a utilizar essa ação psicológica para com o inimigo e as populações. Os militares eram confrontados diariamente com a pressão por parte dos monitores e instrutores, que os levavam ao seu limite físico e psicológico, o que os fazia ganhar um espírito de corpo,

espírito de sacrifício, camaradagem, estado de prontidão e atavio impecáveis, bem como a sua técnica individual de combate, o que os fazia ser a melhor tropa a combater em Angola.

3.4.2. Pergunta 2: Qual a diferença entre Operações Psicológicas e Ação Psicológica, na sua opinião?

Analisando todas as respostas dadas, chega-se à conclusão que as operações psicológicas são a prática da ação psicológica. Enquanto que a ação psicológica é exercida diretamente nos militares das nossas tropas, mais especificamente em formação, como um método para aumentar as suas qualidades e capacidades, as operações psicológicas eram desempenhadas na população e no inimigo. As operações psicológicas em Angola visavam manter as populações do nosso lado e satisfeitas, prontas a nos ajudarem quando necessitássemos, bem como a tentar controlar o inimigo.

3.4.3. Pergunta 3: Que situação levou à realização das Operações Siroco?

Através da análise das respostas dadas para esta entrevista, vê-se que uma das grandes causas destas operações foi o facto de o MPLA ter começado a concentrar tropas no Leste de Angola, de maneira que as nossas tropas tiveram de arranjar uma maneira de dominar o inimigo e de limpar, por assim dizer, o terreno naquela área. Uma vez que o MPLA se estava a concentrar demasiado no Leste, por causa das linhas de infiltração que estavam a realizar por não terem conseguido fazer isso no Norte de Angola, o Comandante Santos e Castro teve a ideia de comandar uma operação, ideia essa que foi tirada da maneira de atuar dos franceses na Argélia, em que as tropas Comandos, em conjunto com os helicópteros da força aérea, combatiam o inimigo e o afugentavam do Leste de Angola.

3.4.4. Pergunta 4: Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?

As respostas a esta questão foram todas positivas em relação ao uso da ação psicológica durante as operações Siroco, sendo que foi um grande apoio que tivemos para conseguir ter a população do nosso lado e para combater o inimigo. A maior parte destas operações envolviam ações psicológicas mais viradas para a população civil e era sempre dada bastante importância a este tipo de ação.

3.4.5. Pergunta 5: Que meios de Ação Psicológica eram usados?

Como já referi na pergunta anterior, era dada bastante ênfase à ação psicológica nestas operações, tanto para os civis como para o inimigo. Também durante a formação dos militares que combateram nas operações Siroco era-lhes aplicada uma grande pressão psicológica de maneira a estarem preparados para o tipo de combate que iriam enfrentar.

Durante a instrução, essa mesma pressão psicológica supramencionada era feita para os instruendos estarem constantemente em incerteza, no que diz respeito a horários e tempos de formação, o que os obrigava a terem um estado de prontidão excepcional, uma vez que nunca sabiam se iriam ter alguma instrução ou não. Outro tipo de ação bastante utilizado para consolidar o que lhes era dado em instrução e de maneira a aconselhar e orientar os instruendos na sua conduta e maneira de combater eram panfletos e cartazes. Nunca entregues pessoalmente, mas deixados em cima das camas ou então em determinados sítios em que passavam obrigatoriamente, normalmente em provas ou avaliações, os quais iam evoluindo gradualmente, à medida que iam avançando na instrução. Havia ainda ação psicológica através de rádio, que, em instrução, era a chamada “Voz do Comando”, como os exemplos mostrados no Anexo A. Era feita várias vezes ao longo do curso. Alguém falava ao rádio, normalmente gravações, em que relatavam aos instruendos a razão de estarem ali, o porquê de irem combater, a razão pela qual tinham uma instrução tão dura, como se deviam comportar, e também o respeito que deviam ter pela população e pelo inimigo. Este tipo de ação psicológica era normalmente feita quando estavam na caserna a descansar ou a dormir. Para além de tudo isto, os instruendos tinham de se mostrar sempre bem ataviados e totalmente disponíveis, mesmo com níveis de cansaço extremo. Tinham de conhecer bem todos os instrutores e monitores, bem como oficiais e sargentos da unidade, pois muitas vezes não se usavam galões ou divisas, e os futuros operacionais tinham que conhecer toda a gente com quem iam combater. Não só tinham de conhecer Oficiais e Sargentos como também tinham de se conhecer entre eles como ninguém, para formar Equipas, Grupos, e, por sua vez, Companhias, coesos e com um alto nível de espírito de corpo e de sacrifício. Em adição ao que foi dito anteriormente, os instrutores e monitores tinham de levar os homens a conhecer as suas capacidades, e a saber quais os seus limites, quer físicos, quer psicológicos, sendo que para isso lhes aplicavam uma carga física bastante intensa e toda a ação psicológica supracitada.

3.4.6. Pergunta 6: Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?

Segundo as entrevistas realizadas, a evolução da ação psicológica não teve muita relação com as Operações Siroco. Por volta de 1961, os portugueses aperceberam-se que precisavam de arranjar uma forma de conquistar as populações, e foram conseguindo isso através do apoio que lhes prestavam, como, por exemplo, apoio sanitário e médico. Aperceberam-se também que isso podia ser usado para conquistar o inimigo. Mais tarde começou então o uso dos cartazes e panfletos deixados na mata, ou largados via aérea. Notou-se assim uma grande evolução no que diz respeito à ação psicológica durante o decorrer da guerra, mais virada para os civis e para o inimigo, uma vez que a ação psicológica dos instruendos foi estipulada no início dos cursos e assim se tem mantido até aos dias de hoje.

3.4.7. Pergunta 7: Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?

Segundo as entrevistas realizadas, antes da guerra em África não havia doutrina para as PSYOP em Portugal, pelo que a mesma foi desenvolvida durante o decorrer da guerra, sendo que no fim da mesma já havia uma doutrina firme acerca da ação psicológica, que foi sofrendo alterações até chegar à que temos atualmente. Houve, sim, uma aprendizagem no que diz respeito ao convívio e à maneira de lidar com as populações em Angola, que nos serviram de grande apoio nestas operações.

3.4.8. Pergunta 8: Por que razão foram escolhidos os Comandos para estas Operações?

Através das respostas dadas a esta questão, cheguei à conclusão de que os Comandos não foram escolhidos para fazer as operações Siroco. Uma vez que os Comandos eram a tropa com melhor formação, melhor técnica e mais bem preparada no terreno. O Comandante Santos e Castro, como já foi referido em respostas anteriores, tirou a ideia do modo de atuação dos franceses na Argélia para este tipo de operações, e propôs esta mesma ideia ao seu comandante, que aceitou essa proposta.

3.4.9. Pergunta 9: Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?

Segundo as respostas dadas a esta pergunta, o Agrupamento Siroco dispunha de uma CCS, um Pelotão de Transmissões, um Pelotão de Apoio Sanitário, tinha os

transportes, três CCMDs prontas a ser empenhadas e um Agrupamento Aéreo, que era composto por cinco helicópteros, um helicóptero canhão, um DO, aviões em alerta no solo (*Fiat*) e helicópteros que apoiavam a operação. Para além destes meios, serviam-se dos nativos para os guiarem na mata. Os Comandos em operação tinham um grande apoio da Força Aérea, que os ajudavam em casos de transportes de feridos e grávidas ou para abastecimento das viaturas e rações de combate, e mesmo para transporte das tropas quando era necessário.

3.4.10. Pergunta 10: Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?

De acordo com as respostas dadas a esta pergunta, o MPLA estava a conseguir conquistar a grande maioria dos seus objetivos no Leste, uma vez que no Norte de Angola a sua situação estava a ficar complicada devido ao relevo e à distância aos países limítrofes, que era, na sua maioria, grande, o que dificultava bastante os seus deslocamentos no que diz respeito à alimentação e aos reabastecimentos.

3.4.11. Pergunta 11: Como ficou a situação militar depois das Siroco?

Mediante a exploração das respostas dadas pelos entrevistados, a situação militar em Angola ficou muito mais calma e as suas condições melhoraram significativamente. A atividade inimiga depois das Operações Siroco começou a ficar escassa, uma vez que o MPLA ficou dominado, e pela altura do 25 de abril de 1974 já não havia guerra em Angola.

3.4.12. Pergunta 12: As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?

Atendendo às respostas obtidas nas entrevistas realizadas, as Operações Siroco tiveram como objetivo inicial travarem o MPLA, para depois o desequilibrarem e, por fim, desmembrarem toda a sua estrutura. O MPLA perdeu bastantes guerrilheiros nos confrontos que tiveram com os Comandos nas Operações Siroco e, conseqüentemente, ficaram despedaçados. Esta situação, aliada ao facto de terem uma alimentação pobre, bem como uma grande falta de material e logística, fez com que ficassem completamente dominados e não conseguissem continuar com a guerrilha.

3.4.13. Pergunta 13: Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?

No decorrer da análise das entrevistas, chega-se á conclusão que as Operações Siroco não tiveram influência no que diz respeito aos moldes do curso de Comandos. No entanto, aspetos como a camaradagem e a moral foram bastante fortificados nestas operações. A maior aprendizagem que os Comandos tiveram nestas operações foi o trabalho conjunto com a Força Aérea, que foi indispensável para os resultados que foram obtidos. Voltando aos moldes do curso de Comandos, nada foi alterado. Porém, existiram adaptações e modernizações das técnicas e táticas que foram aprendidas nestas operações e que, por consequência, acabaram sempre por ser transmitidas às gerações posteriores.

CONCLUSÕES

Após ter terminado todo o estudo e análise no que diz respeito a este TIA, chegamos à fase de reflexão dos resultados obtidos. Segundo Fortin (1996) as conclusões examinam as consequências dos resultados obtidos durante o trabalho em relação à teoria, e permitem-nos fazer uma reflexão acerca desses mesmos resultados, positivos ou negativos, e como estes podem ser aplicados na prática. Na conclusão dá-se a resposta às PD e também à PP, servindo estas para averiguar se os OE e o OG foram cumpridos.

Relativamente à primeira PD, “Quais são as causas das Operações Siroco?”, foi respondida com as entrevistas realizadas, chegando-se assim à conclusão que o MPLA estava a ficar demasiado concentrado no Leste de Angola, e, tendo um carácter violento, as NT tiveram de conseguir uma forma de controlar e dominar o inimigo e de “limpar” o terreno no Leste de Angola. Segundo Nunes (2013), o MPLA começou a representar um grande perigo, porque aumentava exponencialmente a sua subversão, e as NT tiveram de fazer operações com a finalidade de os aniquilar e recuperar as populações; as operações foram bem-sucedidas, tendo-lhes provocado um grande número de baixas e capturado bastante material.

Prosseguindo para a segunda PD, “De que maneira atuaram os Comandos nestas operações?”, a sua resposta encontra-se presente também nas entrevistas realizadas. Os Comandos constituíram os Agrupamentos Siroco, em que atuavam em conjunto com a Força Aérea que os apoiava com helicópteros. O Comandante Santos e Castro, na altura em que esta situação se começou a compor, tirou a ideia deste tipo de operações da forma como os franceses atuaram na Argélia, em que conciliavam helicópteros com tropa a pé, e então propôs uma ideia de atuação semelhante, embora à nossa escala. Assim sendo, em cada operação feita, eram lançados Grupos de Comandos no terreno, que eram transportados por helicópteros, com o objetivo de saturar a zona onde eram colocados, fechar caminhos, fazer emboscadas e combater o inimigo.

Continuando para a terceira PD, “Quais as suas consequências para as partes nela envolvidas?”, a sua resposta encontra-se presente na revisão da literatura e confirmada com as entrevistas realizadas. Entenda-se por “partes nela envolvidas”, o MPLA, os Comandos, e as populações de Angola. Quanto ao MPLA, ficou devastado com as Operações Siroco, visto que perderam muitos combatentes. Uns foram abatidos, outros foram capturados, outros entregaram-se; e isto conjugado com a sua pobre alimentação, falta de logística e

material, o que levou a que quase não conseguissem continuar a combater. Passaram a atuar bastante menos do que anteriormente. Quanto aos Comandos, estas operações serviram muito para a identificação de Lições Aprendidas, uma vez que foi nas Operações Siroco que descobriram que a atuação conjunta entre tropa apeada e Força Aérea, que neste caso foram os helicópteros, lhes dava uma grande vantagem sobre o inimigo; relativamente ao curso em si, os seus moldes continuaram iguais, pelo que as únicas alterações, inovações ou adaptações a nível de instrução e formação que houve foram precisamente certos aspetos que foram assimilados nestas operações e que foram transmitidos de geração em geração, de maneira a terem sempre uma técnica e uma tática modernizadas. Relativamente às populações angolanas, a sua situação melhorou consideravelmente, uma vez que a guerra estava ganha e Angola estava completamente pacífica, pois, como disse previamente, a situação militar estava muito mais calma e a atividade inimiga começou a rarear.

Avançando para a quarta e última PD, “Quais as alterações na doutrina das Operações Psicológicas decorrentes destas operações?”, a resposta encontra-se ao nível da bibliografia, pois uma vez que os manuais de Ação Psicológica e Operações Psicológicas existentes na época das Operações Siroco continuaram inalterados por muitos anos, chega-se à conclusão que pela altura em que estas operações foram realizadas já tínhamos uma doutrina sólida e firme sobre ação psicológica, daí não se ter sentido necessidade de alterar.

Após toda a pesquisa e análise realizada e depois de todas as PD serem confrontadas e se encontrarem respondidas, chega assim o momento de se responder à PP, “Que repercussões teve a Operação Siroco na Doutrina das Operações Psicológicas?”, para a qual se pode encontrar uma resposta analisando as PD acima respondidas. Assim sendo, podemos concluir que as Operações Siroco não tiveram influência significativa a nível formal na Doutrina que temos acerca das Operações Psicológicas, uma vez que, como foi dito anteriormente, nessa altura já tínhamos uma boa doutrina, que foi sendo aperfeiçoada e melhorada desde 1961 até ao momento, e porque para haver uma alteração formal de uma doutrina é necessário vários anos de estudo e de observação do tema a alterar. Porém, houve sim, uma grande aprendizagem no que diz respeito à prática das mesmas.

Assim sendo, o objetivo deste TIA consistiu em aferir as alterações existentes na Doutrina das PSYOP em Portugal, que passou por várias fases de estudo, sendo elas, o estudo da bibliografia e a realização de entrevistas presenciais, pelo que, foi conseguido verificar com exatidão que não existiram alterações formais resultantes destas Operações.

No decurso da realização deste TIA surgiram contudo algumas dificuldades ou limitações, sendo a principal limitação a pandemia que estamos a atravessar, que atrasou muito várias fases do trabalho, principalmente a fase das entrevistas. Escolhi fazer entrevistas presenciais de maneira um conteúdo mais certo e preciso das informações que necessitava, e tive alguma dificuldade em conseguir concretizá-las. Senti também que, apesar dos entrevistados serem coerentes e dos seus testemunhos serem bastante relevantes e esclarecedores, o número de entrevistados devia ser superior, de modo a diversificar opiniões.

BIBLIOGRAFIA

- Cann, J. P. (2019). *Os Comandos em África*. Cascais: Princípia Editora;
- CCFAA (1972). *Diretiva-Geral de Contra-Subversão para Angola*. Luanda: CCFAA;
- Duarte, J. M. F. (2021). *Diário de um “Comando”: Outubro de 1972 a Dezembro de 1974*. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda;
- Estado-maior do Exército [EME] (1966). *Ação Psicológica III*. Lisboa: EME;
- Estado-maior do Exército [EME] (1970). *Ação Psicológica*. Lisboa: EME;
- Estado-maior do Exército [EME] (2008). *Comandos – Grupos Iniciais Tomo I do 14º volume da Resenha Histórico Militar das Campanhas em África 1961-1974*. Lisboa: EME;
- Estado-maior do Exército [EME] (2012). *Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 03-00 OPERAÇÕES*. Lisboa: EME;
- Fortin, M. F. (1996). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociência;
- Goldstein, F. L. & Findley, B. F. (1996). *Psychological Operations: Principles and Case Studies*. Washington DC: US Government Printing Office;
- Instituto de Altos Estudos Militares [IAEM] (1982). *Operações Civis-Militares II Parte: Operações Psicológicas, Fundamentos*. Lisboa: IAEM;
- Instituto Universitário Militar [IUM] (2019). *Doutrina das PsyOps*. IUM
- North Atlantic Treaty Organization [NATO] (2014). *Allied Joint Publication AJP-3.10.1, Edition B, Version 1, Allied Joint Doctrine for Psychological Operations*. NATO Standardization Office (NSO);
- Nunes, A. P. (2013). *Siroco Os Comandos no Leste de Angola*. Lisboa: Associação de Comandos;
- Oliveira, J. F. R. (2017). *Comandos – Subsídios para a sua História*. Lisboa: Associação de Comandos;
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva;
- Rosado, D. P. (2015). *Sociologia da Gestão e das Organizações*. Gradiva;
- Rosado, D. P. (2017). *Elementos Essenciais de Sociologia Geral*. Gradiva;

Silva, R. F. C. (2007). O papel das Operações Psicológicas e da Ação da Mídia nas Operações Militares. *Revista da Escola Superior de Guerra*. Volume 24, p. 257-274;

Teixeira, R. A. (2012). *Homem de guerra e boémio – Jaime Neves*. Lisboa: Bertrand Editora;

Tzu, S. (2009). *“A Arte da Guerra”*. Bertrand Editora;

Yin, R.K. (1994). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. São Paulo: Artmed Editora S.A.

APÊNDICES

Apêndice A – Guião de Entrevista



ACADEMIA MILITAR

Guião de Entrevista

Os Comandos na Operação Siroco: Uma abordagem no âmbito das Operações Psicológicas

Autor: Aspirante de Cavalaria Miguel Rosa

Orientador: Tenente-Coronel de Infantaria “CMD” Duarte Varino

Trabalho de Investigação Aplicada

Pergunta 1:

A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?

Pergunta 2:

Qual a diferença entre Operações Psicológicas e Ação Psicológica, na sua opinião?

Pergunta 3:

Que situação levou à realização das Operações Siroco?

Pergunta 4:

Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?

Pergunta 5:

Que meios de Ação Psicológica eram usados?

Pergunta 6:

Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?

Pergunta 7:

Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?

Pergunta 8:

Por que razão foram escolhidos os Comandos para estas Operações?

Pergunta 9:

Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?

Pergunta 10:

Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?

Pergunta 11:

Como ficou a situação militar depois das Siroco?

Pergunta 12:

As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?

Pergunta 13:

Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?

Apêndice B – Entrevista Tenente-General “CMD” Júlio Oliveira

1. A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?

“Não havia como é lógico uma matéria, ou tempos de formação para a ação psicológica, havia era princípios que os instrutores ou monitores utilizavam e que determinados factos atuavam sobre o homem. Desde a apresentação impecável, dos instrutores e monitores, desde a apresentação sempre durante a instrução, por exemplo, mostrarem-se ser superiores face às suas qualidades e á sua maneira de ser, e era por isso que sempre se usou desde o início a camisola branca, porque era branca e se possível o inimigo via melhor, mas além disso sem galões, nem divisas, não havia. Eles tinham que reconhecer que estava ali o Capitão ou o Sargento pelo seu valor, portanto, o exemplo. A seguir, levar o homem a reconhecer as suas capacidades, saber qual é os seus limites, pela forma de dar instrução. Portanto, era outro princípio, relativamente ao homem, ele ser capaz de reconhecer os seus limites. Aí é que a qualidade dos instrutores tem de ser muito boa e têm que ser muito bem escolhidos. Daí o problema da utilização da água, que muita gente não perceber porquê. É para o homem perceber que tem que beber água, evidentemente, não é como o que saía para fora que cortavam a água, que tinha de se á tampinha, não, era para aprender a dosear. Saber o que é que ele aguentava, até onde aguentava quando não tivesse água. Está dentro deste princípio que é importante, que era o homem conhecer os seus limites. Outro ponto importante, que engrena na ação psicológica utilizada, utilizada pela experiência, utilizada pelo fazer, não pelo instruir; era o homem conhecer-se bem, conhecer o inimigo, e porque é que havia aquela guerra. Não é porque o Comandante manda matar que tu matas, é o porquê que tu matas. E instilar esse conhecimento no homem. A camaradagem, era o homem revelar-se a ele mesmo e saber com quem podia ligar, conhecer, daí, não só entre quadros fazer-se a categorização, ou seja perguntar a cada um para dentro do seu Grupo de Combate numerar os indivíduos de um a dez, aquele de quem gostava mais, o outro a seguir, o outro a seguir, categorizá-los. Um indivíduo se fosse categorizado em primeiro lugar por toda a gente, exceto por eles próprios claro, ajudava muito. E eles esforçavam-se quando tinham de fazer as categorizações por conhecer melhor os camaradas, os amigos. Daí, era baseado nisso que organizávamos as companhias, no conhecimento mútuo. Daí aparecer em qualquer circunstância, quando o inimigo se calhar menos esperava, que é a imprevisibilidade. Como é que se conseguia isso? A ação psicológica individual era por exemplo o indivíduo

não saber o horário, era avisado na altura, para se preparar rapidamente para isso. Era acordar a meio da noite a qualquer hora para ir fazer uma determinada missão. Voltando atrás ao conhecimento mútuo, daí aparecerem em qualquer circunstância perguntas às quais depois tinham de responder, os papelinhos que apareciam, a perguntar «indica três camaradas para o combate» ou para a farra, para a educação física. Ora qual era a vantagem disso? Primeiro poder começar o tal conhecimento mútuo, porque havia de arranjar uma Equipa de quatro que todos desejassem os mesmos objetivos entre os quatro. Havia as chamadas «Equipas Puras» que era os quatro gostarem todos uns dos outros para as quatro coisas. Era assim, este conjunto que diziam que faziam lavagem ao cérebro aos miúdos. Não fazíamos lavagem ao cérebro nenhuma. Um indivíduo para conhecer os seus limites, tem de ser levado até eles. Porque é que se vê aquelas fotografias da malta a cair para o lado. Está claro, isto exige muito dos instrutores e monitores, que é deixar chegar ao limite mas não ultrapassar. Portanto não pode ser qualquer indivíduo, por muito bom que seja, que pode ser instrutor. Portanto basicamente é isto, o homem conhecer muito bem os seus limites, conhecer o inimigo, e ao conhecer o inimigo, saber o modo dele atuar. Por exemplo a técnica de silêncio, está embebida dentro da ação psicológica, levar um indivíduo ao cansaço extremo, está embebido dentro da ação psicológica. Não é educar sobre a ação psicológica, é atuar psicologicamente nos indivíduos para que acabassem por ganhar esses hábitos. Os indivíduos sabiam perfeitamente que quando fossem para o combate levavam dois cantis e aqueles dois cantis serviam-lhe mesmo que eles lá tivessem de estar noutros encontros. A ação psicológica era permanente ao longo dos cursos. Uma ação psicológica sobre os instruendos. Para além da ação dos instrutores e monitores com o procedimento deles, havia sempre outros meios de atuar, que eram os cartazes, cartazes grandes com determinações, conselhos, até a própria sobrevivência se fez com cartazes, mas mesmo para o combate e para tudo, cartazes que se iam sendo expostos em pontos que era obrigatório passar como é evidente, e que iam evoluindo consoante a fase do curso, a fase individual, a fase de equipa, nesse tempo era assim, hoje é capaz de ser diferente. Portanto, os cartazes, os panfletos, normalmente A5 e que apareciam em cima das camas, nunca era distribuídos, eram deixados em determinados lugares, com conselhos, com maneiras de ser, todas orientadas psicologicamente. Havia também uma ação psicológica através dos rádios, e a voz. A voz era normalmente para que naturalmente as pessoas tivessem mais atenção partindo do princípio que as pessoas acordavam, podia ser feita a altas horas da noite, lá dentro do tal princípio da imprevisibilidade, lá vinha aquela

ladainha, outra vez conselhos sobre o comportamento em combate, também às vezes sobre a descrição do inimigo, o conhecimento do inimigo.”

2. Qual a diferença entre Operações Psicológicas e Ação Psicológica, na sua opinião?

“A ideia que eu tenho disso é que operações psicológicas é quando eram executadas sobre mais a população civil, embora evidentemente também houvesse isso do leste que foi usado. As operações psicológicas era quando são simultaneamente ações psicológicas, relativamente mais á população civil e aos combatentes, ao inimigo. A ação psicológica é aquela, que julgo eu fazer, diretamente às nossas tropas.”

3. Que situação levou à realização das Operações Siroco?

“Isso aí é o geral das operações, de qualquer operação. O estudo do inimigo determinou que se devia atuar daquela forma. A forma como se atuou, os Comandos têm importância porque fomentou a concordância do comandante da zona que era o General Bettencourt, que é a ligação íntima entre a ação de helicópteros com a ação terrestre dos Comandos. Aquilo que já há muito tempo, logo no início, ate no meu livro faço alusão a isso na primeira carta que escrevo ao Santos e Castro, em que ele falava na emboscada aérea. É difícil porque exige um grande consumo de helicópteros, nem a Força Aérea tinha capacidade para isso. O ideal que é ter sempre helicópteros prontos ao momento de irmos para atuar. Um indivíduo está num sítio qualquer, prevê que foi lançado já de helicóptero numa área, aconteceu isto no Siroco várias vezes. E então via que os inimigos que iam fugindo, iam para a zona tal, e então, havia necessidade não das pessoas que iam ali a pé em perseguição, mas dos helicópteros, cair um Grupo de Combate ou um número de Equipas razoável, á frente deles, ou ao lado deles. Para isso é preciso haver muitos helicópteros, coisa que foram sempre poucos, os que o Exército dispunha, mas ali aplicados naquela operação. Mesmo assim fizeram algumas vezes e conseguiram excelentes resultados como é evidente. Era a única maneira, em vez da tropa ir a correr pelo meio do mato atrás deles conseguia-lhes cair á frente, ou aos lados, e daí chamar-se emboscada aérea porque aéreo é o meio de transporte para chegar lá, porque a emboscada normalmente é ao contrário, é esperar ali paradinho no sítio, que eles passem por lá. Em termos clássicos de guerra era uma perseguição.”

4. Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?

“Houve houve, eu julgo que no livro encontras alguma coisa sobre isso.”

5. Que meios de Ação Psicológica eram usados?

Respondido em questão anterior.

6. Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?

“Operações Psicológicas, assisti a uma e resultou, no norte de Moçambique, indivíduos que estavam para além do revulma, na Tanzânia, trazê-los para cá. Uma operação grande e funcionou, está claro, durante pouco tempo era trazer a população para cá e alojá-la logo. Tinha que se arranjar locais para eles passarem a viver, mudarem de onde estavam. Em termos de operações, eu tenho impressão, que eu conheça, ou pontualmente dados, em Angola também julgo ter havido, mas essa só que eu conheço bem, funcionou. Mesmo com o lançamento de panfletos sobre a população, com o lançamento também, por vezes, de comida, necessidade básica, com o som, através do som, só músicas, mas também incitamentos á apresentação. São coisas difíceis de resultar, mas foi utilizado, e como eu digo, pontualmente, não foi geral, resultou. Julgo que na Guiné também há uma coisa engraçada que terá sido feito sobre isso, pelo General Spínola, para motivar a apresentação. Inicialmente do aspeto de apresentação das populações, nesse aspeto foi utilizada, e com algum êxito pontual.”

7. Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?

“Eu essa não vou arriscar porque isso aí tem de ser estudiosos de psicologia.”

8. Por que razão foram escolhidos os Comandos para estas Operações?

“Pela sua qualidade, reconhecida e já te disse, se associares o papel do Tenente Coronel Bettencourt Rodrigues nessa altura da siroco, já Brigadeiro, que apoiou a formação de comandos no seu início em angola, e no exército, e ser o comandante da zona leste, praticamente ser o comandante dessas operações, ele era o comandante setor.”

9. Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?

“O apoio fundamental que ainda hoje existe, é raro determinados grupos que eu vou, lá estão dois ou três indivíduos dos helicópteros, força aérea helicópteros, Fiat’s, Dornier’s, cada uma na sua missão, agora, para o combate, fundamentalmente para a siroco, comandos e helicópteros, para mim foram os heróis da siroco, e especialmente, o trabalhar em conjunto, se fosse possível, esse que se conseguiu que se concentrou, por força, exigência do Bettencourt Rodrigues com outros pontos, territórios onde havia guerra, atenção, também não é assim, nada de extremos, o tipo de terreno, que era conhecido pela anhara, que é uma zona onde tem muitas árvores que nós chamávamos árvores de papel e dispersas, vê-se muito ao longe, máscaras é difícil, é um terreno mais aberto, o terreno aberto facilita não só uma pessoa estar nos tiros. Era mata com uma altura extraordinária, depois arranja-se ali um cilindro, o ter ali o helicóptero para ir buscar o acidente, o morto, há sítios onde não havia mesmo, e então a malta lá tinha que vir atravessar a mata toda cerrada e um indivíduo ali a ser emboscado, salve-se quem puder, é muito complicado, estar atrás de uma árvore, de um tronco onde cabem se calhar 4 gajos ou 5 e escadas no meio da mata é uma coisa realmente muito complicada, na emboscada, depois envolve, no meio das lianas, tropeça, cai, é mordido por uma vespa. A passo que no terreno aberto, na anhara, é não só difícil para o inimigo de as fazer, porque o terreno é muito aberto, já se sabe, a ocorrerem onde é que estão, e é muito fácil haver disponibilidade de o helicóptero aparecer rapidamente, na mata, e não só na mata, em zonas, qualquer destes dois casos que eu estou a dizer aconteceram comigo, e tivemos de trazer às costas no meio de capim, erva, mais alta que nós. Aí pediu-se o helicóptero, só que o helicóptero quando vem, era para sinalizar aquilo, ou confundem ou outra coisa qualquer, e ao sinalizar, sinalizamos o helicóptero e disponibilizamos o inimigo, ao passo que em terreno aberto pões Strela. Quando o helicóptero ia baixar, imagina uma erva mais alta que tu e com mais um palmo, ou mais, aí com dois metros e meio, a erva abaixa-se toda, mas simplesmente quando a erva baixa, nem o helicóptero nem nós que estamos lá vemos mais nada, para aquilo que era preciso fazer, agarrar no ferido e levá-lo ao helicóptero e metê-lo lá, como é que é? Não há possibilidade, tem que se atravessar a zona capim até haver uma aberta, e agente sabe lá onde é que estão as abertas, tanto pode estar a um quilómetro como a cinco, de modo que são grandes dificuldades, e por outro lado, facilidades em terrenos no Leste, no Leste as matas de cá são mais abertas no terreno de

um modo geral, e as matas fechadas há em sítios, de reconhecimento aéreo sabe-se onde é que estão mesmo antes de fazer a operação, para a montagem da operação.”

10. Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?

“Sim, foi a grande machadada do MPLA, foi exatamente as operações siroco, estudiosos dizem que a partir daí o MPLA ficou bastante amachucado e foi a partir daí que a UNITA veio então com a sua propriedade política mesmo antes da morte do chefe da UNITA, ele veio a querer a ligação connosco, o MPLA estava derrotado digamos, chegou a altura da UNITA vir a cima e então fez as suas propostas que soube-se depois com o decorrer que eram, como é lógico se pensarmos um bocado, é político, continuava a quer a liberdade e a independência para o seu país, continuava a querer, nós só nos deixávamos enganar se estivéssemos interessados neles mas depois viu-se quando ele teve mais algum poder e entrou novamente o MPLA outra vez contra ele até que acabou por morrer e resta saber quem é que motivou a morte dele, se calhar não foi o MPLA, ou era interesse de outras forças nomeadamente dos americanos, porque o tipo realmente queria a independência pan-africana ou seja quem manda na África são os pretos, no tempo eram só nossos amigos, mas era enquanto lhe conviesse, até vir a chefiar, que era muito natural. Os outros começaram a falar depois dele ter morrido, efetivamente o tipo não era, quer dizer era político e queria liberar o seu país. O MPLA pode se dizer que aquilo continuando seria o início da aproximação de conversações, e depois agora já dependia daqui, já dependia de Lisboa, já dependia do Marcelo Caetano.”

11. Como ficou a situação militar depois das Siroco?

“Melhorou substancialmente, é importante dizer-se que em Angola foi um sítio onde não se perdeu a guerra, não estava em condições, mas as suas condições melhoraram substancialmente.”

12. As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?

“Passou a atuar bastante menos até porque perderam muita gente nas operações Siroco, portanto, ali naquela zona, não havia outras zonas. Aquela zona era zona digamos de infiltração para eles chegarem ao norte e ao leste. Através do leste, para chegarem ao norte de Angola. Os caminhos foram barrados e sofreram muitas perdas e então a UNITA

começou digamos a crescer e a procurar entender-se connosco. Convinha-lhe isso, uma vez que também não tinha forças suficientes para fazer guerra, a UNITA, portanto entendia-se, tiveram de criar um entendimento. Entendimento esse que fatalmente o objetivo era a libertação, a independência.”

13. Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?

“Aprendemos exatamente essa ligação, dos helicópteros, a maneira de atuar naquele terreno, não era tanto a mata, mas era a anhara ou a savana. Portanto aprendeu-se bastante nesse aspeto.”

Apêndice C – Entrevista Coronel Tirocinado de Infantaria “CMD” Raúl Folques

1. A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?

“Durante o treino dos Comandos, durante o curso, havia uma ação psicológica que era orientada especificamente para o curso, porque havia uma quantidade imensa de ação psicológica, que era feita quase diariamente. A necessidade de combater, porque é que se combatia, as nossas razões, o auxílio que se prestava às populações, o apoio que se precisava de dar, o apoio que se precisava de ter; eram tudo coisas que eram desenvolvidas desde o início da instrução, e havia uma entrega muito frequente de uns panfletos para ajudar e para cimentar os pontos que eram focados na instrução. Havia aquilo que chamavam a voz do Comado, que era feita acho que uma vez por semana, em que havia a voz do Comando, que era uma prédica, uma arengue que era dito ao pessoal as razões porque estavam ali, porque é que iam combater, como se deviam comportar, o respeito que deviam ter pelas populações, o respeito que deviam ter até pelo inimigo.”

2. Qual a diferença entre Operações Psicológicas e Ação Psicológica, na sua opinião?

“As operações psicológicas eram resultado, ou a prática da ação psicológica. Na ação psicológica um tipo aprende os fundamentos, a maneira de atuar, o que deve fazer, como influenciar. As operações psicológicas são essa prática, por exemplo, haver médicos e enfermeiros que possam uma ou duas vezes por semana, com frequência, dar apoio á população, ter a população devidamente controlada e satisfeita, ou seja, ver as suas necessidades e poder recorrer a essas necessidades. No fundo uma operação psicológica ocorria para manter a população do nosso lado, para procurar que a população nos adotasse, que acreditasse em nós, e tivesse em nós toda a confiança, e portanto, enquanto que na ação psicológica aparece os seus princípios, nas operações psicológicas é a prática. Não era só a conversa ou as prédicas que podia haver, que eram raras, com a população ou com os recos, não era só os cumprimentos que eram mais frequentes, que agente provocava com os diferentes recos, um tipo ia a uma sanzala, onde aparecia o régulo, um tipo trocava prendas com eles e cumprimentos, mas era mais do que isso, era a garantia que agente dava

de um apoio sanitário, médicos e enfermeiros àquela população, e esse apoio era bestialmente válido e sucedia muito.”

3. Que situação levou à realização das Operações Siroco?

“Isto era uma ideia antiga do Comandante Santos e Castro. O Comandante Santos e Castro era um estudioso de tática, além de ser um homem que na prática era um combatente, era um estudioso e um homem que fazia planeamento. E então este homem imaginou uma operação em que utilizava os meios aéreos, a nossa tropa Comando, num terreno que era possível essa utilização ter êxito. Porque o norte de Angola é muito fechado, a mata é muito fechada, o terreno é muito íngreme, muito abrupto, a mata desce e depois sobe, há vales, a mata é toda muito fechada; enquanto que no leste a mata é mais aberta, o terreno é plano, é possível haver colocações de helicópteros. Portanto ele imaginou uma operação em que os helicópteros transportavam a tropa, a tropa era colocada e saturava a zona, e quando a zona estava saturada e havia contactos com o inimigo, eu tinha uma reserva que estava preparada ao minuto para poder ser lançada, de tal maneira a fechar caminhos, a fazer emboscadas, a combater, a criar combates inopinados. Portanto, ele imaginou esta operação, e pôs o problema ao Comandante-Chefe ou Comandante-Militar de Angola, e o homem aceitou, e então foram feitos os Sirocos no leste. E os Sirocos foram feitos assim, os efetivos normalmente eram três companhias de Comandos, era um apoio em helicópteros, que normalmente só transportava um grupo de combate, pois não tínhamos helicópteros para mais. Então o pessoal era colocado, saturava a zona, encontrava inimigo, que depois ou queria-se furtar ou combatia. Quando se queriam furtar, ele procurava tapar as rotas do inimigo, e nós assim tivemos muitos êxitos. Isto, na nossa escala pequenina, foi decalcado da maneira de atuar dos franceses na Argélia, que chegaram a colocar batalhões de helicópteros, agente nunca colocou mais que um grupo. Portanto esta ideia de manobra não é totalmente original nossa, é a adaptação que nós fizemos. Mas a maneira de combater foi porque ele estudava e viu que dava resultado.”

4. Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?

“Sim. As ações típicas do Agrupamento Siroco eram ações de combate, mas apesar disso, durante todas as operações do Agrupamento Siroco houve sempre um esforço da parte psicológica. Apesar de haver empenhamentos houve sempre o cuidado de ir às

sanzalas, aos quimbos, para conversar com os régulos, para dar apoio, o tal apoio sanitário, houve sempre esse cuidado. Portanto apesar de ser um Agrupamento feito precisamente para combater, nunca descurou a ação psicológica.”

5. Que meios de Ação Psicológica eram usados?

Já Respondida em Perguntas Anteriores.

6. Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?

“Houve evolução mas isso já é fora do Agrupamento Siroco. Eu fui para lá em Alferes, 1961, e cedo se chegou á conclusão que era necessário fazer uma ação psicológica para chamar as populações. E desde o início que se tratavam bem os prisioneiros e diziam para voltar para a mata e trazer o seu pessoal. No início houve duas fases. Numa primeira fase foi os massacres provocados pelo inimigo, pela UPA no norte de Angola, o MPLA em Luanda. Depois houve uma segunda fase que foi uma fase em que os brancos organizaram-se em milícias antes da tropa chegar, porque a tropa começou a chegar em abril, e isto começou em março, e os brancos organizados em milícias começaram-se a defender, e houve nessa altura represálias violentas. Assim como tinha havido os massacres da parte da UPA muito violentos, muito horríveis, atrocidades totais, depois houve represálias da parte dos brancos que se armaram e organizaram em milícias. E apareceu a tropa e chegou á conclusão que as populações, algumas que não tinham tido nada a ver com os massacres, outras que estavam de alguma maneira um bocadinho cúmplices, se tinham todas, refugiado nas matas. E então começou a fazer-se um esforço para recuperar as populações, e esse esforço era feito assim: agente fazia prisioneiros; chamávamos, os prisioneiros vinham, agente tratava bem os prisioneiros, garantíamos comida, apoio sanitário, e depois dizíamos «vai á mata e vê se trazes o teu pessoal». Portanto começámos a ver a necessidade que tínhamos de resgatar ou recuperar essas populações, de maneira que mandávamos lá os tipos e aos poucos eles foram vindo, e isto acabou por criar uma situação em que o inimigo começou a ficar desapoiado, de tal maneira que no fim da guerra, em 1963 ou 1964, praticamente, no norte de Angola, não havia populações a apoiar a UPA ou o MPLA. Praticamente as populações tinham-se todas recolhido. Foi um processo demorado. Pode-se considerar que em termos de ação psicológica, e face ao nosso comportamento, o mais importante foi sempre este apoio sanitário, que eles agora já não têm. Porque cada companhia tinha um médico, um enfermeiro, um ajudante de

enfermeiro e quatro maqueiros. E depois foi sempre assim, o apoio sanitário foi sempre importante, nas nossas companhias, foi uma boa base. Depois havia os tais panfletos que eram lançados na mata, a tropa deixava às vezes, outras vezes eram os aviões que largavam, «entrega-te, se te entregares com uma arma, damos-te dinheiro, se disserem onde estão as armas agente paga-te». Isto tudo, bem ou mal, foi funcionando, e mais os guias, agente pagava bem aos guias que iam connosco para a mata. Havia também cartas que deixávamos na picada e depois eles respondiam.”

7. Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?

“Eu tenho impressão que não havia doutrina antes da guerra. Foi feita durante a guerra e ficou aquilo que nós hoje em dia temos, que é a doutrina que resultou da guerra. Porque antes da guerra não havia doutrina nenhuma, que eu saiba. Quando era Aspirante, estava em Mafra na altura, nunca ninguém tinha falado em ação psicológica. Havia um Major que foi lá fazer uma conferência, Major Hermes de Oliveira, que quando eu era Aspirante foi a Mafra fazer uma conferência sobre ação psicológica. Ele tinha estado na Argélia e numa Companhia que eles tinham, Companhia de Caçadores Especiais, tinham um Pelotão só para ação psicológica. Este Major Hermes de Oliveira escreveu um livro que se chamava «Guerra Revolucionária», e ele dava uma grande ênfase à ação psicológica. Então ele foi dar uma conferência aos Aspirantes a Mafra. Foi a primeira vez que ouvi falar de ação psicológica, mas ainda não havia guerra de África. A partir daí, os rudimentos da ação psicológica foram-se montando, e quando acabou a guerra já tínhamos uma doutrina firme sobre ação psicológica.”

8. Por que razão foram escolhidos os Comandos para estas Operações?

“As operações Siroco, no fundo, foram propostas pelo Comandante dos Comandos. O homem foi lá propor ao Comandante-Chefe, ao General, levou a ideia, levou o plano. Não foram bem escolhidos, o homem foi propor e o Comandante aceitou, portanto não houve bem uma escolha, houve foi uma proposta, que foi aceite. Que eu me lembre foi isto.”

9. Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?

“O Agrupamento Siroco tinha uma CCS (Companhia de Comando e Serviço), um Pelotão de Transmissões, um Pelotão Sanitário, tinha a parte da intendência, a parte de transportes, naturalmente, e depois, tinha três Companhias de Comandos a ser empenhadas, tinha um Agrupamento Aéreo, que era formado por cinco helicópteros mais o helicóptero canhão, um DO (Dornier), os aviões em alerta no solo, que eram fiat e os helicópteros que apoiavam a operação. Depois, um tipo podia-se servir dos guias nativos.”

10. Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?

“ O MPLA estava de facto a entrar. Os Sirocos foram, primeiro, um travão para o MPLA, e depois, a continuação dos Sirocos tenho impressão que foram as operações que mais equilibraram, mais controlaram e mais criaram uma situação de desconexão ou desequilíbrio no MPLA. Portanto nós começámos por travá-los, e depois começámos a dar-lhes porrada e a desequilibrá-los, começámos a desarticulá-los e acabaram por recolher todos. Em 1974 não havia MPLA no leste, não havia UPA no norte. Praticamente, em 1974 não havia guerra em Angola.”

11. Como ficou a situação militar depois das Siroco?

“As Siroco começaram por ser o travão á entrada, a movimentações do MPLA. Depois de ser travão começaram a ser um desequilíbrio para o MPLA, e depois finalmente acabaram por ser as ações que criaram o desmembramento total da estrutura do MPLA, de tal maneira que tiveram que recorrer ao Congo e á Zâmbia. O leste de Angola em 1974 estava totalmente pacífico.”

12. As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?

Respondida em questões anteriores.

13. Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?

“ Influência no curso acho que não tiveram nenhuma. O curso estava preparado. Em boa verdade, o curso de Comandos foi sempre construído, a partir de 1962, foi um esforço contínuo. Foi uma obra do Coronel Santos e Castro. Começou com influências várias.

Depois aquele trabalho todo, foi todo ele organizado, cimentado. Aquilo acabou numa obra, em que vai desde a organização da Equipa, á organização do Grupo de Combate, á organização da Companhia, á formação da Equipa, á formação do Grupo de Combate, á formação da Companhia, á doutrina tática da Equipa, do Grupo de Combate, da Companhia. Isto tudo é obra do Santos e Castro. Eu quando fui para lá em 1961, cada Grupo tinha o seu armamento, cada Grupo era a coisa mais eclética que havia. Eu tinha para lá um Grupo que tinha umas metralhadoras FN, com umas pistolas-metralhadoras Uzi, tinha outro Grupo em que o Comandante de Batalhão tinha resolvido que a pistola-metralhadora é que era a arma bestial, de maneira que tinham praticamente, em cada nove armas havia quatro pistolas-metralhadoras. Aquilo era tudo muito eclético, cada Grupo estava á sua maneira. O primeiro curso em Zemba era uma manta de retalhes. Depois aquilo começou a ser organizado pelo Santos e Castro. E o tipo organizou a Companhia, organizou o Grupo de Combate, organizou a Equipa. As Equipas eram formadas numa base de cinco homens que se tinham de conhecer, de querer lutar uns com os outros, de querer o companheirismo, o tal de ninguém fica para trás, criou um espírito de irmandade nesses cinco gajos. E depois o Grupo era formado por cinco equipas dessas, e a Companhia por cinco Grupos de Combate desses. Isto criou uma Unidade muito homogénea.”

Apêndice D – Entrevista Tenente-Coronel de Infantaria “CMD” Isaías Pires e Major da Força Aérea Carlos Acabado

1. A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?

TCor: “Era.”

Maj: “Tinha que se treinar psicologicamente a tropa, os Comandos para as situações que iam enfrentar, e portanto era dada nos treinos a ação psicológica, de várias maneiras até.”

2. Qual a diferença entre Operações Psicológicas e Ação Psicológica, na sua opinião?

TCor: “Eu acho lhe pouca diferença, sabe que uma tropa bastante rodada seja naquilo que for quer dizer que está preparada para enfrentar todas as situações, e a base principal é logo na instrução, a base individual é que comanda todas estas ações.”

3. Que situação levou à realização das Operações Siroco?

TCor: “Foi precisamente os tipos a mudarem do norte para leste, a atuação deles e depois, anteriormente, a Zâmbia dá lhe também apoio, montam bases dentro do território zambiano junto da fronteira e que lhes era mais fácil abrir a frente de leste. Dava origem a que a malta tivesse de combater no norte e no leste, quanto mais frentes abrir desde que tenha tropas para combater e a guerrilha é tramada, quer dizer, o gajo chegou a catequizar aquela malta do leste, começou a mandar comissários políticos catequizando aquele pessoal e algum aderiu nem todos, mas aderiram.”

Maj: “Basicamente o que quer saber é que situação levou a ser feitas as Operações Siroco, foi a interceção das linhas de infiltração que o MPLA sobretudo o MPLA queria fazer através do leste depois de ter perdido o Norte de Angola.”

4. Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?

Respondido em outras questões.

5. Que meios de Ação Psicológica eram usados?

TCor: “Era com panfletos no curso, mas além disto, a malta fazia um ataque aqui suponhamos; nas emissoras deles estavam a dar que tinham morto não sei quantos colonialistas e que tinham feito e acontecido, quando a malta tinha bases aí para rebaterem que os tipos não estavam a ser corretos; suponhamos que davam a 2042, os gajos disseram logo que tinham liquidado uma Companhia de Comandos, quando não foi verdade, efetivamente eles tiveram êxito mas não foi aquilo que eles publicaram nas emissoras deles; porque os tipos tinham emissoras dentro da Zâmbia, no Congo, e a Argélia.”

Maj: “Aqui a nossa ação psicológica, a população é que decidia, a população é que era a base numa guerra destas e portanto nós captávamos; nós não fizemos um trabalho perfeito porque por exemplo os médicos das companhias davam apoio às populações civis, às crianças, a alimentação. Eu por exemplo fiz evacuações de 300 e 400 quilómetros para levar uma mulher grávida para um hospital, portanto isso era ação psicológica.”

TCor: “Grávidas e feridos, portanto, ia um helicóptero buscar os indivíduos para os hospitais porque eram socorridos da população.”

Maj: “Mas indivíduos que não eram bem cidadãos eram gente do mato, e isso atraía muita gente, tinha muita população connosco, do nosso lado.”

TCor: “Eles no fundo, o caso de Angola, tiveram uma minoria de 30 gajos, quer dizer, se aquilo é conduzido como agente fala a maior parte das vezes, ainda hoje lá estaríamos, porque o território era muito grande, estava um núcleo de população 20 ou 30 aqui, estavam 15 ou 40 ali a 20 km, estavam mais outros a 30 km e aquilo, a malta deveria ter juntado as populações.”

Maj: “É uma teoria dele e eu dou todo o apoio e concordo é, por exemplo, aquilo era uma agricultura aqueles povos, de subsistência, mandioca, aquilo não tem calorias, não tem nada, se tivéssemos lá posto em vez de militares, dois ou três agricultores, mesmo soldados nossos com um trator; um trator fazia mais trabalho psicológico do que um Batalhão lá. Ensinava. De manhã as mulheres vão para as lavras com uma inchada, com uma sachola, com um filho às costas e vão cavar para depois terem mandioca, milho. Se nós tivéssemos mandado um trator e ajudar aquela gente a reunir tudo, tinha feito um efeito psicológico que não foi feito, foi pena.”

6. Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?

Não Responderam.

7. Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?

Não Responderam.

8. Por que razão foram escolhidos os Comandos para estas Operações?

TCor: “Os Comandos não foram escolhidos, a malta tinha as companhias constituídas, por exemplo vai uma companhia naquele setor ali, um grupo acolá, outro do outro lado, raras vezes, em Angola só se juntou dois ou três grupos. As companhias atuaram sempre a nível de Grupo. A nível de Grupo, isto é, a Companhia inteira, mas com Grupos individuais em setores.”

Maj: “Os Comandos não foram escolhidos, os Comandos é que, na altura em que foram formados, depois geraram este tipo de Operações Siroco, julgo que foram inspiradas na Argélia. Isso foi uma iniciativa do Santos e Castro.”

TCor: “Foram porque era a melhor tropa que combateu em Angola.”

Maj: “Isso foi uma ideia, esse tipo de guerra, que ao fim ao cabo era quase uma guerrilha contra a guerrilha, em vez de termos batalhões estacionados, era uma companhia, imóveis.”

TCor: “Que atuava no terreno, mas a nível de Grupo, separados. Os Comandos ao longo da guerra, embora com alguma dificuldade e deficiências, adotámos sempre a contraguerrilha quase semelhante a como eles faziam. Grupos em silêncio, por ali, vai ao objetivo tal, bate as margens do rio x. Fazendo o mais próximo possível a guerra de guerrilha, porque uma guerra de guerrilha só se combate, utilizando as mesmas técnicas que o próprio guerrilheiro.”

Maj: “Por exemplo, montar uma operação, toda a gente fala na Nó Górdio, uma operação dessas implica aí 2 meses ou 3 meses antes, um movimento de canhões, de tropa para aqui e para ali, e eles sabiam, quando a operação se chega a realizar já a informação está mais diluída.”

TCor: “Porque o guerrilheiro, a missão dele é fazer a guerrilha, mas furtando-se sempre ao contacto máximo com o contra guerrilheiro, e em determinadas ações, eu não concordava com elas, embora fizesse, porque a grande maioria no Leste de Angola, por

exemplo, quando eu estive lá, a partir de dada altura, as operações eram planeadas pelas companhias. Se um indivíduo planeasse bem, fazia bem, se planeasse mal, fazia mal. Mas como é que um indivíduo planeia bem? Planeia bem tendo uma certa experiência. Por exemplo houve um erro nos Comandos, ter deixado tirar o curso de Comandos a Capitães. Para os primeiros sim senhor, mas depois, ali a partir da 6ª, do Reynolds Mendes, não devia mais ninguém tirar o curso como Capitão. Porque aquela guerra de guerrilhas é uma guerra de pequenos Grupos, pequenos efetivos. À medida em que um indivíduo vai subindo de hierarquia, quando chega a Capitão, sabe comandar um Grupo de Combate, sabe planear, e por aí fora. E se um indivíduo entra num certo patamar, está tudo tramado.”

9. Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?

TCor: “Às vezes, houve operações em que a não ser a Força Aérea para levar rações, um Grupo que prolongava a operação mais dois dias, por qualquer motivo, lá tinham de ir lá levar rações de reserva; uma tropa que por exemplo era necessário ir lá levar combustíveis.”

Maj: “Evacuações, feridos iam-se buscar.”

TCor: “Feridos foi sempre a Força Aérea que recuperou, com helicópteros para determinado sítio.”

Maj: “Nos Siroco houve uma grande colaboração entre os Comandos e a Força Aérea.”

10. Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?

TCor: “Estava a ter algum sucesso, mas na grande maioria não teve, mesmo no norte. Eles mudaram aquilo para o leste, não só pelo facto de mudarem de estratégia, mas eles já estavam tramados no norte, porque aquela guerra, está a ver o que é fazer 1000 quilómetros a pé do norte cá para baixo. A andar a pé, naquelas matas, é lianas, é chuva, é o diabo a sete, é desgastante. É desgastante para nós, mas para eles era muito mais desgastante porque a alimentação não chegava, era aquilo que apanhavam que sobreviviam, uma das coisas que lhe valeu muito foi o problema da pesca. Porque os tipos pescavam muito, os rios de Angola têm muito peixe e os indivíduos iam-se safando.”

Maj: “Os guerrilheiros propriamente não pescavam, tinham era população, pescadores que apanhavam o peixe e quando passavam levavam.”

TCor: “Depois uma outra coisa que lhes valia, é que os africanos para andar na mata são bons, por outro lado, eram sempre praticamente os mesmos, lá iam metendo mais uns que iam catequizando. E a malta, quando lá iam fazer uma operação, o caso dos Comandos, tinham muito pessoal experiente, mas a tropa normal, do exército normal, tropas de quadrícula, não tinham. Vai-se agarrar num indivíduo que é teoria para ir combater um inimigo com uma larga experiência, que é o caso agora de Moçambique. E eu costumo dizer, os africanos, se há uma coisa que sabem fazer bem, é mal.”

11. Como ficou a situação militar depois das Siroco?

TCor: “Ficaram de rastos. Há uma dada altura que eles não tinham quase ninguém dentro do território. Depois ainda como agravante, o MPLA dividiu-se em frações, a fração Agostinho Neto, e a fração Sipendi. Na altura em que eu lá estava com a 2042 e o Major com a Força Aérea, os tipos foram obrigados naquelas bases que tinham na Zâmbia a tirar as culatras às armas porque todos os dias havia mortos; as frações combatiam uns com os outros.”

Maj: “Quando foi o 25 de abril, a malta que foi daqui para fazer as pazes, o MPLA não tinha sítio para vir falar. O encontro que toda a gente fala aí, foi numa xana, á sombra de uma árvore, foi o Agostinho Neto e vários indivíduos daqui, mas não tinham uma sala para se reunir, tiveram de estar nom chão, porque o MPLA não existia. Em Angola não havia guerra.”

TCor: “Em Angola havia umas coisas quando depois apareceu a fração mais a UNITA; e a UNITA se não é o 25 de abril, com o esquema que se montou, Companhia de Comandos 2042 comandada por mim; Companhia de Paraquedistas, a 3ª; e a Companhia de Flechas; arrumavam com a UNITA.”

Maj: “Os Flechas eram tropas Africanas que acreditavam em nós e que estavam do nosso lado.”

TCor: “E que tinham sido quase todos guerrilheiros dos diversos movimentos. As três Companhias com a técnica que se montou; largavam uma Companhia, quando iam buscar esta Companhia de cinco dias de operações, os helicópteros largavam outras. Suponhamos que esta tinha feito de cá para lá, às tantas recuperavam esta, largavam outra que faria ou mais para lá ou mais para acolá. Quando iam buscar uma, lançavam outra, e às tantas os tipos não sabiam se a malta andava lá ou não, porque só havia uma ida para lá e

uma retirada. Porque os tipos tinham informações e indivíduos espalhados por aquele território, e iam dando o alerta, e assim dificultou-lhe a vida extremamente, aos tipos.”

12. As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?

TCor: “Não, continuaram a atuar mas muito pouco, e depois dos Sirocos eles ficaram completamente de rastos. Foi fundamental a atuação dos Comandos que partiu-lhe a espinha dorsal, que os deixou de rastos. E depois, não só a atuação da tropa como também a falta de logística deles, desde material, alimentação. A alimentação eles iam tirando das matas, mandioca e peixe. Eles pescavam naqueles rios, porque os rios de Angola são bastante férteis em peixe, e os tipos apoiavam-se muito na pesca.”

Maj: “Ficaram sem população e sem guerrilheiros.”

TCor: “Desde população que se entregou, a outra que a malta capturou, e guerrilheiros abatidos. E eles com os problemas dissidentes uns com os outros, o MPLA estava de rastos. O MPLA no 25 de abril não tinha qualquer representação em Angola.”

Maj: “Eram só aqueles intelectuais, e estava tudo fora do país.”

13. Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?

TCor: “A malta continuou moralizada como estava até á data do início dos Agrupamentos Siroco. A malta foi sempre uma tropa que teve capacidade de resposta para a situação que se vivia. Por exemplo, a 2042, em boa verdade, teve aquele problema inicial e recuperou. Foi uma fatalidade que teve. São circunstâncias da guerra mas a malta recuperou e moralizou. As tropas Comandos nunca tiveram desmoralizadas com a guerra.”

Apêndice E – Entrevista Sargento-Mor de Infantaria “CMD” Carlos Vinagre

1. A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?

“Era ensinada tanto na EEMA (Escola de Educação Militar de Angola) onde eu iniciei a tropa, como nos Comandos, muito mais nos Comandos, no curso de Comandos.”

2. Qual a diferença entre Operações Psicológicas e Ação Psicológica, na sua opinião?

“Operações Psicológicas são viradas mais para o civil, a ação psicológica diretamente no militar, e especificamente nos Comandos funcionava muito muito mesmo, funcionava em termos permanentes.”

3. Que situação levou à realização das Operações Siroco?

“O In como se chamava na altura, o inimigo, estava a concentrar-se demais no leste de Angola, portanto, em 1969 foi a primeira Operação Siroco, havia demasiada concentração de pessoal In no leste e tinha que haver uma maneira de os dominar, e de dominar a zona leste. O inimigo era o MPLA, o FNLA, pouco o FNLA, não teve muita influência. Por isso mesmo teve de se inventar, saber, fazer uma operação em grande escala para eliminar o inimigo nessa zona.”

4. Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?

“Sim, também havia. Mas mais viradas para o civil, não para nós militares, mas de nós para os civis.”

5. Que meios de Ação Psicológica eram usados?

“Mais usados eram a título de poupar a família. Não massacrar homens nem mulheres e crianças. Não abater, ou não matar digamos, mulheres e crianças, e mesmo os homens desarmados eram poupados. E recuperar tudo o que era inimigo, para nossa informação, para sabermos com o que podíamos contar na zona. Era usados também panfletos mesmo lançados via aérea.”

6. Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?

“Muita mesmo. Continuo a dizer, na ação civil, essencialmente para os naturais, para os negros, para os africanos, muita mesmo, na medida em que a aproximação do branco para o negro, a ação psicológica surtiu muito efeito mesmo.”

7. Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?

“A doutrina foi muito boa, na medida em que ensinou muito ao pessoal militar, a maneira de estar e de lidar com os naturais, com o povo de Angola.”

8. Por que razão foram escolhidos os Comandos para estas Operações?

“Era uma tropa melhor preparada, uma tropa especial, preparados essencialmente para isso mesmo.”

9. Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?

“Essencialmente a Força Aérea, os helicópteros principalmente.”

10. Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?

“Poucas mas tinha algum sucesso sim. Grandes guerrilheiros que tiveram um grande nome e êxitos que eles tiveram até nós Comandos lá chegarmos a esses acampamentos.”

11. Como ficou a situação militar depois das Siroco?

“Completamente dominada. A expressão que se usa é que a guerra estava ganha no leste. A Siroco só existiu no leste de Angola. A guerra estava ganha no leste de Angola. Em 1973, não em 1974 quando se dá o 25 de abril. Em 1973, em outubro, a guerra estava ganha no leste de Angola.”

12. As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?

“Poucos focos, quase nenhuns. No leste praticamente zero. Havia no norte sim, porque no norte era mais difícil de controlar, mas havia poucos focos, estava dominado completamente. A guerrilha estava dominada.”

13. Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?

“Influência, muita influência, muita mesmo, em termos de camaradagem, em termos de êxito. Essencialmente os êxitos que os militares tiveram, isto estamos a falar em Angola, foram devidas às Operações Siroco. Foram essencialmente os Comandos.”

Apêndice F – Entrevista Primeiro-Sargento de Infantaria “CMD”

Adérito Carvalho

1. A Ação Psicológica era ensinada durante a formação/treino?

“Claro, a ação psicológica era constante e diária no curso de Comandos.”

2. Qual a diferença entre Operações Psicológicas e Ação Psicológica, na sua opinião?

Não Respondeu.

3. Que situação levou à realização das Operações Siroco?

“Presumo que a ideia inicial teria sido de limpar o terreno, por conseguinte bater toda a área do Leste onde a Siroco era feita. Bater a área no sentido de eliminar bases inimigas, e assim que uma determinada quadrícula deixasse de ter interesse, por falta de objetivos, mudava-se de quadrícula.”

4. Confirma o uso da Ação Psicológica durante as operações do Agrupamento Siroco?

Não Respondeu.

5. Que meios de Ação Psicológica eram usados?

“Desde gestos, a ordens vocais, altifalantes, papéis, informação, posta na caserna ou transmitida oralmente. A ação psicológica, tal como disse, era constante; mesmo após uma marcha forçada podia-se exercer ação psicológica de determinada maneira. A ação psicológica também era exercida, por vezes, convencendo o pessoal que ia de fim-de-semana, e chegando á estação de comboio, era mandado formar e regressar ao quartel.”

6. Qual a evolução que a Ação Psicológica teve durante o decorrer da guerra?

Não Respondeu.

7. Que impacto, na sua opinião, a guerra em África teve na doutrina das Operações Psicológicas?

Não Respondeu.

8. Por que razão foram escolhidos os Comandos para estas Operações?

“Porque era a tropa mais indicada e melhor preparada no terreno, devido ao facto de ser treinada localmente, conhecendo o terreno. Todo o curso e formação eram dados no terreno.”

9. Quem ajudava/apoiava mais os Comandos nas suas operações?

“Os Comandos trabalhavam isolados, Há muita gente que fala nos Flechas, e eu pergunto-me porquê. Embora fossem tropas que conhecessem o terreno, não tinham um treino individual ou coletivo tão bom como o nosso, na minha opinião. Digo isto porque cheguei a ir buscar restos de um grupo de 60 Flechas por exemplo, no Leste de Angola.”

10. Antes das Siroco, o MPLA estava a ter sucesso nas suas Operações?

“Que eu me lembre, embora não saiba a fundo a história, sim, foi quando o MPLA começou a ter uma certa expansão no Leste de Angola, porque previamente falava-se muito no Norte de Angola, onde havia uma grande atuação do FNLA, e depois o MPLA e a UNITA acabam por espalhar as operações feitas no Leste, e devido ao facto da enorme fronteira que havia com os países limítrofes, onde a logística podia entrar a favor deles.”

11. Como ficou a situação militar depois das Siroco?

“Já é do meu tempo. Eu nunca fiz nenhuma Siroco. Fiz uma «Mini-Siroco» em 1972 e os resultados que obtínhamos já não justificávamos a partir daí o emprego de tropas Comandos numa Siroco completa de 3 meses. A situação militar estava muito melhor para o nosso lado e a atividade inimiga começou a rarear.”

12. As forças do MPLA retiraram, continuaram a atuar? Como ficou a sua atividade?

“A atividade inimiga começou a rarear.”

13. Que influência é que as Siroco tiveram nos Comandos?

“No curso havia sempre adaptações consoante o terreno, que podia às vezes não vir nos livros. A instrução era virada precisamente para esse objetivo, modernizar ou utilizar as táticas mais recentes aprendidas no terreno e eram transmitidas entre nós, de mais antigo para mais moderno, e por consequência, aos grupos de instruendos na formação.”

ANEXOS

Anexo A – “A Voz do Comando”

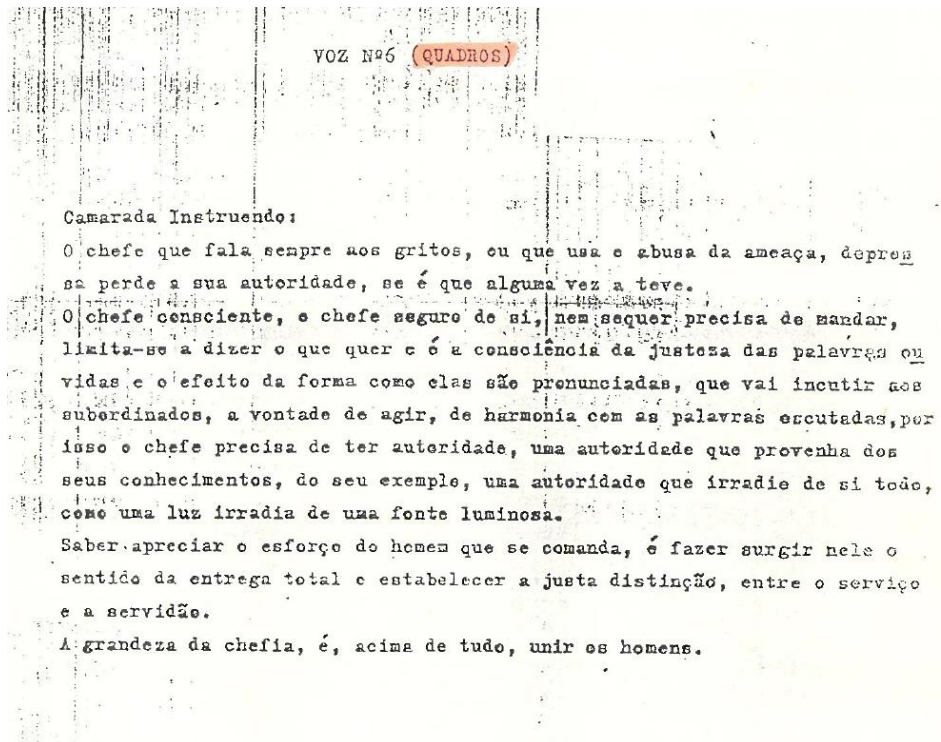


Ilustração 9: “A Voz do Comando”, exemplo para Oficiais e Sargentos dos Quadros Permanentes

Fonte: Tenente-Coronel Isaías Pires

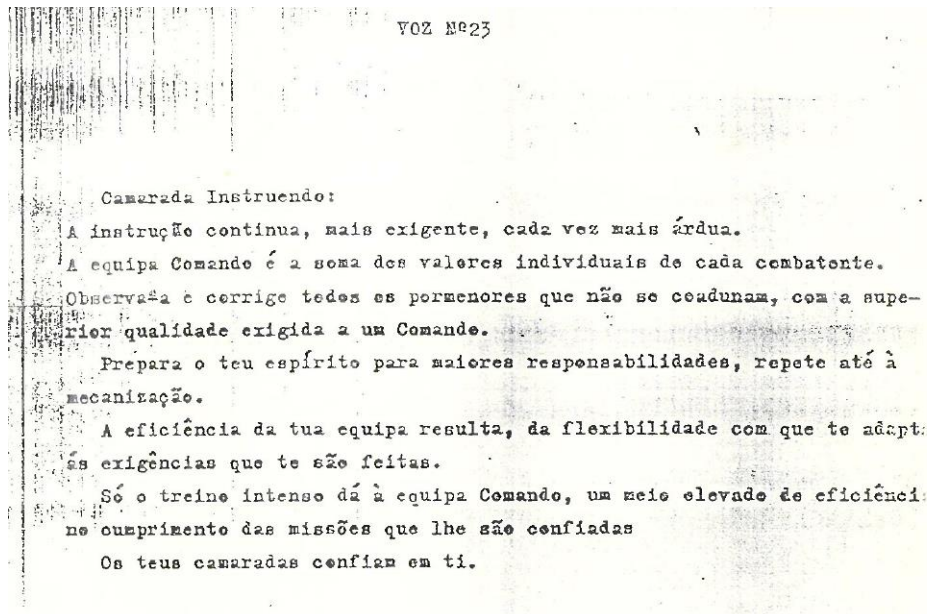


Ilustração 10: “A Voz do Comando”

Fonte: Tenente-Coronel Isaías Pires

Camarada Instruente:

As missões "Comando" são sempre as mais duras, as de maior risco e as que exigem melhor execução.

A equipa Comando, pelo seu poder físico, pela precisão de seu tiro e pela determinação que põe no cumprimento das missões que lhe são confiadas, é eficiente. Medita, pensa nas exigências da tua preparação para o combate. A vontade posta na tua preparação para o combate, se for forte, levar-te-á sempre mais longe e permitirá que mantendas uma confiança completa nas possibilidades, tuas e da tua equipa.

O Comando não aceita entraves ao cumprimento da sua missão, e conhecimento perfeito das técnicas da guerra, não basta, é preciso que em cada momento te sintas fisicamente capaz, de executar com dinamismo e inteligência, a técnica adequada.

Os teus camaradas de equipa confiam em ti.

A equipa Comando é eficiente.

Ilustração 11: "A Voz do Comando"

Fonte: Tenente-Coronel Isaías Pires

Anexo B – Cartazes e Panfletos



Ilustração 12: O Comando pratica a Camaradagem

Fonte: Tenente-Coronel Isaías Pires

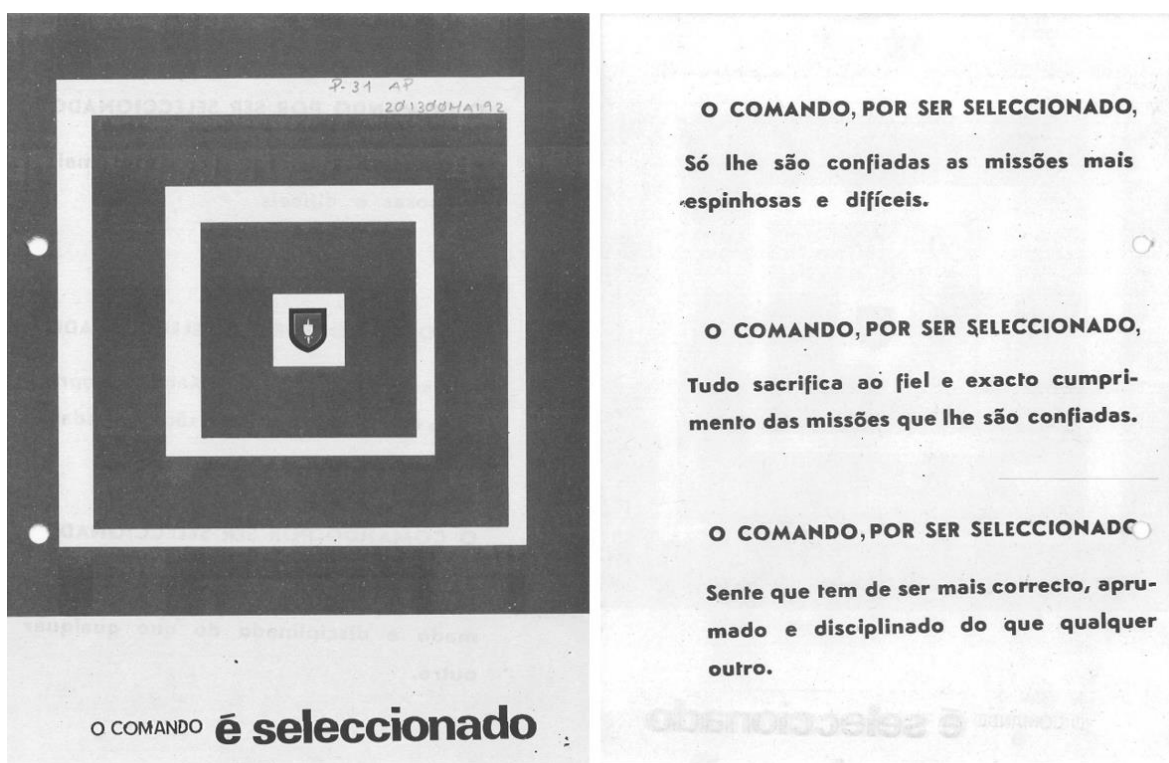


Ilustração 13: O Comando é Seleccionado

Fonte: Tenente-Coronel Isaías Pires



Ilustração 14: O Comando vence os obstáculos

Fonte: Tenente-Coronel Isaías Pires



Ilustração 15: Panfleto Ação Psicológica

Fonte: Tenente-Coronel Isaías Pires